

Brígida dos Santos Évora



*O Papel da Música na Afirmação da Cultura Cabo-verdiana no País e na
Diáspora*

Licenciatura em Ensino de História

PRAIA, JUNHO DE 2010



BRÍGIDA DOS SANTOS ÉVORA

**O PAPEL DA MÚSICA NA AFIRMAÇÃO DA CULTURA CABO-VERDIANA
NO PAÍS E NA DIÁSPORA**

**TRABALHO CIENTÍFICO APRESENTADO À UNI-CV PARA OBTENÇÃO DO
GRAU DE LICENCIATURA EM ENSINO DE HISTÓRIA, SOB A
ORIENTAÇÃO DO MESTRE JOSÉ ÉVORA.**

O Júri:

Praia, _____ de _____ de 2010.

CABO VERDE MANDA MANTENHA

*Txa-m kanta, N bem
Trazê bosês
Um aroma dakel pais
Kabo Verde terra kerida
Qu'nos tud kre na kurason*

*Kabo Verde manda mantenha
Se benson nun bes d'sodade
Pa tud ses fidje na terra longe
El deze-m pa N fla boses
Ma se ragos tem kel calor
Pa tud ses fidje
Ku mesmo amor¹*

Fonte: (www.cifras.com.br/pais/cabo-verde)

¹ As letras em crioulo utilizadas no documento foram padronizadas segundo a proposta de escrita do ALUPEC.

DEDICATÓRIA

Aos músicos que embora, não estando mais connosco, continuam nos encantando com as suas lindas músicas: Ildo Lobo, Manuel de Novas, Biús, Vadú, Codé di Dona e tantos outros: serão sempre o nosso orgulho.



AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho desta natureza envolve quase sempre entidades e pessoas singulares.

Assim, queria aqui expressar a minha gratidão a todas elas:

- Em primeiro lugar, ao Mestre José Évora, por ter aceitado a orientação do meu trabalho, pelo trabalho de orientação, pelos conselhos, pela atenção dispensada e pela forma amigável como me incentivou na realização deste trabalho;
- Ao Departamento de Ciências Sociais e Humanas da UNI-CV, em particular o Professor Doutor Leopoldo Amado e o Mestre Lourenço Gomes pelo apoio.
- À minha família, colegas e amigos cujo contributo e apoio moral foram indispensáveis para a execução deste trabalho;
- Ao Sr. João Rocha pela atenção, carinho, enfim, por ser o meu pilar durante os vários anos da minha estadia na cidade da Praia;
- Às minhas primas Céu e Fátima e aos meus sobrinhos Genoveva e Davilson pelo apoio e moral;
- Ao meu amigo e colega António Teixeira, pela revisão e devidas correcções ao meu trabalho, bem como a transcrição dos textos em crioulo para ALUPEC.
- E ainda um apreço especial a todas as pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para que este trabalho fosse uma realidade, em particular a todos os músicos e aos emigrantes que prontamente se dispuseram para me conceder entrevistas, estas que foram cruciais para a realização do referido trabalho.

A todos um muito obrigada!

A Autora,

ÍNDICE GERAL

Índice das figuras

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I	
CONTEXTUALIZAÇÃO	4
1. Noções de Cultura e Identidade Cultural	4
1.1. Cultura	4
1.2. Identidade Cultural.....	7
2. Conceito de diáspora e referências históricas sobre a emigração Cabo-verdiana	9
2.1. Conceito de diáspora.....	9
2.2. Enquadramento histórico da emigração cabo-verdiana.....	11
CAPÍTULO II	
UMA RESENHA HISTÓRICA SOBRE A MÚSICA CABO-VERDIANA NO	
CONTEXTO DA CULTURA NACIONAL.....	15
1. Géneros musicais mais antigos.....	17
1.1. Antes da independência.....	17
1.2 Pós – Independência.....	21
2. Os novos estilos e a sua integração na música cabo-verdiana: formas de	
reivindicação.....	27
2.1. O Landú	28
2.2 A Mazurca e a Contradança	29
2.3. O Zouck e o Hip-hop	30
3. Descrição das formas/géneros musicais mais importantes de Cabo Verde.....	32
3.1. Batuque	32
3.2. Funaná.....	34
3.3. Morna	36
3.4. Coladeira.....	38
CAPÍTULO III	
A MÚSICA E A AFIRMAÇÃO DA CULTURA CABO-VERDIANA NA	
DIÁSPORA.....	39
1. Contextos de afirmação da música cabo-verdiana na diáspora.....	39
1.1. Espaços de difusão no mundo.....	39
1.2. Os músicos e a respectiva produção musical	43

1.2.1. “Cape Verdean Ultramarine Band Club”: o primeiro grupo constituído na diáspora.....	45
1.2.2. O grupo “Voz de Cabo Verde” e a promoção da música cabo-verdiana no exterior.....	46
1.3. Cesária Évora e a internacionalização da música de Cabo Verde	47
1.4. A divulgação da música cabo-verdiana no exterior.....	48
1.5. As dificuldades	51
2. Importância da preservação da música como elemento da cultura cabo-verdiana na diáspora.....	52
3. Influência das novas tecnologias no surgimento de novos ritmos no cenário musical da diáspora.....	53
4. Análise do questionário	55
4.1. Apresentação e análise dos resultados	56
4.2 Sugestões e propostas de melhoramento	58
CONCLUSÃO.....	60
BIBLIOGRAFIA	63
ANEXOS.....	66

INDICE DAS FIGURAS

Figura 1: Paulino Vieira.....	14
Figura 2:Eugénio Tavares.....	17
Figura 3: B-Léza.....	19
Figura 4: Manuel de Novas.....	21
Figura 5: Frank Mimita.....	23
Figura 6: Quim Alves.....	25
Figura 7: Lura; Mayra; Vadú.....	27
Figura 8: Fernando Quejas; Titina.....	40
Figura 9: Bana.....	42
Figura 10: Grupo Voz de Cabo Verde.....	46
Figura 11: Cesária Évora.....	47
Figura 12: Grupo Cabo Verde Show.....	50

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema “o papel da música na afirmação da cultura cabo-verdiana no País e na diáspora,” e procura responder as exigências curriculares vigentes na Universidade de Cabo Verde que visam a obtenção do grau de licenciatura em Ensino de História.

Sabemos que o cabo-verdiano, ao emigrar à procura de outras condições de vida, depara, no país de acolhimento, com culturas diferentes da sua. Muitas vezes, acaba por assimilar a desse país e outras vezes consegue resgatar um pouco da sua cultura de origem e transmite-a aos descendentes que, mesmo não tendo contacto com o país de origem dos pais, conseguem, por exemplo, compreender e, por vezes, falar a língua materna.

É comum dizer-se que a música contribui para levar Cabo Verde ao mundo ou então que ela liga e aproxima os emigrantes à terra natal. Entretanto, entendemos ser necessário deixar o senso comum e passar à elaboração do conhecimento científico, evidenciando a importância da música na afirmação da cultura cabo-verdiana na diáspora. É neste sentido que escolhemos como tema de trabalho: ***O papel da música na afirmação da cultura Cabo-verdiana no País e na diáspora***, na tentativa de resgatar um pouco dessa história ainda pouco conhecida.

O tema foi escolhido tendo como base o nosso interesse em conhecer mais profundamente a cultura cabo-verdiana. Temos a consciência de que a música constitui um elemento muito importante da nossa cultura e, mais do que isso, temos a convicção de que ela representa como veículo de afirmação e dignificação da identidade cabo-verdiana.

Através deste, assumimos o desafio de apurar particularmente qual o grau de contribuição da nossa música na afirmação e dignificação da identidade cultural cabo-

verdiana nas nossas comunidades emigradas. Neste sentido pretendemos alcançar os seguintes objectivos:

- Conhecer a história da música cabo-verdiana;
- Avaliar o contributo que a música cabo-verdiana tem dado na afirmação da nossa cultura na diáspora;
- Conhecer a música produzida em Cabo Verde e estabelecer a sua relação com a produzida na diáspora;
- Identificar o estilo musical produzido em Cabo Verde e na diáspora;
- Analisar o papel e avaliar o contributo da nossa música na afirmação da identidade cabo-verdiana na diáspora.

A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa foi essencialmente entrevistas qualitativas semi-directivas aos músicos e a elementos da comunidade emigrada nos seus momentos de férias em Cabo Verde e aos músicos cabo-verdianos que residem em Cabo Verde. Também utilizámos a pesquisa bibliográfica bem como tratamento dos dados recolhidos das diversas fontes consultadas de modo a tirar delas as necessárias deduções lógicas (Heurística), interpretando-as de maneira crítica (Hermenêutica).

Além das partes reservadas à introdução, à conclusão, fontes e bibliografia, o trabalho encontra-se estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo faremos a clarificação das noções de cultura, de identidade cultural e de diáspora bem como uma pequena resenha da história da emigração cabo-verdiana. No segundo capítulo faremos uma breve resenha histórica sobre a música em Cabo Verde destacando sobretudo dois momentos: antes e depois da Independência. Apresentaremos também uma descrição dos novos estilos musicais e a sua integração na música cabo-verdiana, bem como uma descrição das formas ou géneros musicais mais importantes de Cabo Verde – Estudo de caso – realçando sobretudo o batuque, o funaná, a morna, e a coladeira.

No terceiro capítulo falaremos da música e a afirmação da Cultura Cabo-verdiana na diáspora no qual abordaremos os contextos de afirmação da música cabo-verdiana na emigração onde veremos os espaços de difusão da nossa música no mundo. Debruçaremos sobre a importância de alguns grupos na divulgação da música de Cabo Verde como é o caso de “Voz de Cabo Verde” e também referiremos aos músicos da diáspora e às diferentes formas de expressão musical produzidas bem como as dificuldades encontradas. Trataremos ainda da importância da preservação da música cabo-verdiana na diáspora e da influência das novas tecnologias no surgimento de novos ritmos no cenário musical cabo-verdiano.

Por último, apresentaremos os resultados da nossa pesquisa bem como a conclusão e a bibliografia e os respectivos anexos.

Não poderíamos deixar de expressar aqui as dificuldades encontradas ao longo da realização deste trabalho. Estas, sobretudo, devido à complexidade do tema bem como alguma lacuna do ponto de vista metodológico mas que no decorrer do trabalho foram ultrapassadas.

É igualmente importante realçar que não foi nossa intenção esgotar o tema em apressado, uma vez que entendemos que muitos aspectos não aprofundados são pistas para futuras investigações, pelo que remetemo-los a futuras pesquisas.

CAPITULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO

Não faria sentido começar um trabalho de carácter científico deste género sem antes clarificar os conceitos de Cultura e de Identidade Cultural, uma vez que são elementos que fazem parte de qualquer sociedade além de eminentemente relacionados com o assunto em análise. Igualmente parece-nos pertinente trazer o conceito de diáspora e algumas referências históricas sobre a emigração Cabo-verdiana.

1. Noções de cultura e identidade cultural

1.1. Cultura

Uma definição precisa da noção de cultura não é uma tarefa fácil uma vez que não existe unanimidade entre os diversos autores no tocante a este conceito tão complexo e multifacetado.

Para João Lopes Filho,¹ “o vocábulo cultura adquiriu diferentes interpretações, consoante os reflexos das modulações espaço-temporais de apropriações e das percepções de grupos sociais e indivíduos, que ao longo da história da humanidade vêm tecendo comentários sobre este conceito.”

¹ In FILHO, João Lopes. *Introdução à Cultura Cabo-Verdiana*.Praia.ISE.2003.P13

Segundo o mesmo autor a origem do termo cultura pode ser situada nos finais do século XVIII, na Alemanha “em estudos passíveis de serem classificados de ‘História Universal’ (...)”. Mas que o termo cultura terá sido buscado do francês onde a cultura era utilizada para designar o culto religioso e o trabalho da terra. Ainda ele é de opinião que por esta época o termo cultura era também utilizado como ‘cultura de letras’ ou mesmo ‘cultura de ciências’ para designar “o progresso intelectual e social da humanidade”². No entanto, desses estudos têm resultado várias definições, todas diferentes, mas sempre com o mesmo propósito ou conteúdo. Para comprovar o que foi dito anteriormente, apresentamos alguns conceitos de cultura:

- **Cultura** é o complexo de tudo o que o homem exprime em confrontação com a vida, tudo o que constitui a consciência dele próprio e que o identifica em relação aos outros, quer no seu espaço vital como a nível universal... Ela constitui, ainda, tudo o que o homem, individual ou colectivamente, assimilou, interpretou ou traduziu – material ou intelectualmente – para criar, assegurar, enriquecer e comunicar aos outros a sua relação com o mundo físico e metafísico (Conferencia dos Ministros da Cultura da ACCT, em Cotonu, em 1981)³.

- **Cultura** é um conjunto de maneiras de pensar, de sentir e de agir mais ou menos formalizadas que, sendo apreendidas e partilhadas por uma pluralidade de pessoas, servem, duma maneira simultaneamente objectiva e simbólica, para organizar estas pessoas numa colectividade particular distinta (Guy Rocher)⁴.

- **Cultura** – “Património literário, artístico e científico de um grupo social, de um povo (...) conjunto de conhecimentos adquiridos por alguém, de experiências que permitem o enriquecimento do espírito e desenvolvimento de capacidades intelectuais.”⁵

- **Cultura** – “conjunto de conhecimentos, informações, saberes adquiridos e que ilustram (indivíduo, grupo social, sociedade) segundo uma perspectiva evolutiva; concerne ao conjunto de conhecimentos e valores da cultura tradicional de determinados grupos”⁶.

Entre as várias definições de cultura, optamos pela que saiu da Declaração do México (por ocasião do Mondiacult) de 1982 por ser a mais ampla e consensual “Cultura é o conjunto de traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afectivos, que caracterizam uma

² Idem

³ ANDRADE, Elisa. *Por uma Abordagem Antropológica da Cultura*. In Manual de Cultura Caboverdiana. Praia. ISE. SD. P. 1.09

⁴ Idem

⁵ A. C.L. (Academia das ciências de Lisboa). *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea*. Vol I.A-F. Lisboa. 2001.

⁶ I. H. L.P. (Instituto António Houaiss de Lexicografia). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa. 2003. p.1152.

sociedade ou um grupo social, englobando as artes, as letras, o modo de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças”⁷.

Tudo isto mostra que a palavra cultura tem sido usada em diferentes contextos fazendo com que ela tenha interpretações conforme as diversas percepções, pois a cultura não significa somente aquilo que se adquire através do contacto, mas também aquilo que criamos ou modificamos.

Perante isto, podemos dizer que a cultura é tudo aquilo que identifica uma sociedade em relação a outra, ou seja, cada cultura possui traços distintos desde o modo de vida, artes, letras, a forma de pensar, de sentir, de agir e de crer, fazendo com que ela seja reconhecida e distinta perante outras culturas.

No caso da cultura cabo-verdiana, é sabido que ela resulta do encontro de várias culturas, nomeadamente europeias e africanas e “as práticas geradas a partir desta coexistência sofreram dinâmicas provocadas por sucessivas vagas migratórias e pelas rotas transatlânticas de populações viajantes que aportaram ao arquipélago, confrontando as populações locais com formas de diferença cultural, novas práticas, valores e estilos de vida.”⁸ O que significa que a cultura cabo-verdiana sempre esteve voltada para o exterior recebendo culturas diferentes, o que vai, de certa forma, alterando a cultura tradicional com novos valores, novos estilos de vida. Ou seja, podemos ver que a cultura cabo-verdiana sempre teve interferências de outras culturas, mormente através da própria população, que por várias razões, escolheram outros territórios para viver. O que quer dizer que a diáspora não representa um desvínculo da cultura ou da raiz do cabo-verdiano, antes pelo contrário, a nosso ver, de certa forma, os cabo-verdianos que estão longe da ‘terra’ se sentem mais ligados à cultura ou a seus elementos, através de um forte sentimento de pertença, de tradição e de preservação do mesmo.

Segundo Rui Cidra (2008), “experiência social da música, poesia e dança no âmbito de redes comunitárias, de parentesco e de amizade nos contextos da diáspora cabo-verdiana, constituiu um veículo central de relação emocional e intelectual com o território de origem”. O que comprova o dito anteriormente, ou seja, o cabo-verdiano, ao afastar-se do torrão natal, leva consigo memórias e sua identidade social nomeadamente o seu modo de pensar, de ser e de estar e mantém ligada à ela.

⁷ ANDRADE, Elisa. *In op. Cit.* P1.09

⁸ Cidra, Rui. “*Produzindo a música de Cabo Verdiana na diáspora: redes transnacionais, world music e múltiplas formações crioulas*” in Comunidade (s) cabo-verdiana (s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana / org. Pedro Góis. ISBN. Lisboa. Dezembro 2008. p106.

1.2. Identidade Cultural

Para falarmos de identidade cultural, segundo Elisa Andrade⁹, deve-se ter em conta dois aspectos: o primeiro diz respeito ao termo *identidade* que “implica necessariamente a noção de especificidade colectiva de um grupo humano em relação ao outro” e em segundo lugar o termo *cultural* que “abarca não só os traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afectivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social, mas também, as outras tendências e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

As origens da cultura cabo-verdiana estão numa mistura cultural africana e europeia que se fundiram, ou seja, sofreram mudanças nos seus modelos culturais dando, assim, origem a uma cultura diferente, própria: a do povo Cabo-verdiano, “resultante da multiplicidade dos micro-processos de *aculturação* (simbiose, assimilação, imitação, sincretismo) de *enculturação* (aprendizagem, adaptação, invenção) e de *desculturação* (subtracção, destruição de traços e/ou valores do património natural africano)”¹⁰.

E é nessa miscigenação que encontramos a base da Identidade Cultural cabo-verdiana dotada de traços próprios. “É sabido que qualquer povo ou parte dele carrega sempre, para onde for, os vestígios da sua cultura,”¹¹ como a música, a religião, a língua e as artes. E nesta perspectiva podemos dizer que os cabo-verdianos, ao deixarem a sua terra natal levam consigo os elementos culturais que o caracterizam. É de realçar que a diáspora cabo-verdiana sempre esteve presente na construção da identidade cultural deste País, nomeadamente através do trabalho,

“Em diferentes contextos urbanos, músicas e músicos migrantes foram concebidos como ‘mediadores privilegiados de novas identidades culturais’”.¹² Logo, podemos ver que a música, os músicos e a diáspora são os principais elementos de divulgação da nossa identidade cultural, esta feita de várias formas. Neste caso estamos de acordo com o autor ,

⁹ ANDRADE, Elisa. *Identidade Cultural, Identidade Nacional*. In Op Cit. p2.06

¹⁰ Ib Idem

¹¹ LIMA, António Germano. *Boavista, Ilha da Morna e do Landú*. Praia. ISE. S/D. p.270

¹² CIDRA, Rui. In op cit. p109.

pois acreditamos que a divulgação e valorização da identidade cultural cabo-verdiana sejam feitas sobretudo pela música e pelos músicos da diáspora. Notamos que a música funciona como veículo que leva o alento aos cabo-verdianos longe da terra natal mas também o principal transmissor da nossa cultura e das nossas raízes a outras culturas, outras nações.

Segundo Rui Cidra (2008), “músicos, bem como intelectuais e escritores envolvidos na produção musical, vivendo no arquipélago quanto em centros de diáspora, tornaram a migração e as suas consequências emocionais, intelectuais e socioeconómicas num dos tópicos centrais da poesia para a canção.”¹³ O que quer dizer que a música, por um lado, minimiza o sofrimento causado pela distância, faz com que o cabo-verdiano não esqueça da sua tradição oral, visto que é cantada sobretudo em crioulo, da gastronomia, ou seja, de todos os aspectos da cultura cabo-verdiana e, uma vez longe, o cabo-verdiano precisa desse alento para se sentir mais perto da terra e, por outro lado, ele vê retratado na própria poesia musical todos os seus sucessos e fracassos, por isso se sente mais apegado à terra e se identifica com a cultura de origem.

Como podemos ver, a cultura e a identidade cultural são indissociáveis, ou seja não existe cultura sem identidade e nem esta sem a cultura. Igualmente é importante deixarmos aqui expresso que tanto a noção de cultura como identidade nacional trazem consigo o conceito de diversidade cultural que nos permite perceber que as culturas não são um conjunto monolítico e único, o que é bem visível no caso de Cabo Verde, da sua música e da sua diáspora. Convém igualmente realçar que cada cultura define sua música de acordo com seus próprios critérios. Estes envolvem juízos de valores sobre a estética (juízos sobre o que é apropriado e belo); contextos (a noção de quando e com que frequência a música é executada, assim como a ocasião e sua associação com os estilos de vida); *organização social* (a idade, o género e a composição racial e étnica do grupo); a *condição dos músicos* (ou seja, seu treinamento ou a falta dele); *elementos estilísticos* (os sons característicos, os níveis de afinação, o metro, o timbre e a dinâmica que um grupo entende como sendo a sua própria); *género* (as unidades básicas de repertório); *texto* (a forma com a linguagem e a música são combinadas); *composição* (ou seja, se a música é composta por um indivíduo ou por um grupo); *transmissão* (se a música é transmitida por um sistema de notação, pela imitação ou pela memória); e *movimento* (a actividade física, a dança e os instrumentos musicais usados na produção da música). Estes são alguns dos elementos que ajudam a definir a música de uma cultura em particular e que nos mostra que como tal na diversidade cultural não é

¹³ Idem. p106

surpreendente que haja controvérsias sobre o que seja a música aceitável ou inaceitável para adoração ou para preservação da cultura de um país.

2. Conceito de diáspora e referências históricas sobre a emigração Cabo-verdiana

2.1. Conceito de diáspora

Precisar um conceito de diáspora não é tarefa fácil uma vez que ela condensa muitos significados, ou seja ela é de utilização complexa. Sobre isto, o sociólogo cabo-verdiano Arnaldo Andrade Ramos chama a atenção que a ¹⁴ “origem etimológica do termo diáspora é grega e significa, desde sempre, dispersão ou disseminação, em referência à história da expansão helénica e à implementação de cidades gregas em toda a bacia mediterrânica, mas conservando sempre a cultura e as tradições do país de origem.” Uma vez que ele tem gerado muita polémica dado ao facto de o conotarem com a história de dispersão do povo judaico e com a do povo armeniano¹⁵. De todo modo, entendemos que a diáspora significa o espalhamento de povos, que saem de sua terra de origem para concretizar suas vidas em outras paragens. Ocorrida por motivos diversos, forçado ou por opção própria, mas que nunca desapegam das origens, através da tradição e cultura na qual nasceram, mesmo que no país de acolhimento essa cultura esteja em constante transformação, assimilando novos costumes que acabam interferindo não só na identidade pessoal como na identidade colectiva, que por sua vez reflecte a identidade cultural de um determinado grupo.

Modernamente o conceito de diáspora está sendo usado para designar os povos quando saem à procura de melhores condições de vida em outros países. Trata-se, pois, da

¹⁴ Citado em ANDRADE, Elisa. *In op cit.* p7

¹⁵ Andrade, Elisa. in *O diagnóstico do movimento associativo na diáspora para uma estratégia de intervenção do Instituto das Comunidades*.p8

“mobilidade de pessoas ou migrações internacionais ou ainda a mobilidade de mercadorias, agenciadas por indústrias culturais, sobretudo pela indústria internacional da música.”¹⁶

Ainda sobre o mesmo conceito, Soblin (citado em Cidra 2008) chama a atenção de “populações imigrantes ou vivendo no exterior de territórios considerados enquanto ‘casa’ ou ‘terra’, foram maioritariamente conceptualizados em torno da noção de ‘diáspora’ e dos seus sentidos ‘divergentes.’” Como podemos constatar, o conceito de diáspora está sempre relacionado com o deslocamento ou saída da pátria (movimentos populacionais), que podem ser forçados, incentivados e/ou, por vezes, por motivos políticos ou religiosos de grandes massas, mas mantendo um vínculo com o território de origem.

Ainda segundo Cidra, “o significado de formas de cultura expressiva na formação de sensibilidades e identidades de diáspora conheceu um forte impulso com o trabalho de Paul Gilroy e da sua noção que formulou de ‘atlântico negro’. Este ‘atlântico negro’ é apresentado como “um espaço de afinidades e de trocas formado na modernidade, caracterizado pela circulação de populações ‘negras’, de ideias, de expressões culturais e por artefactos por si manuseados, entre o continente africano, europeu, americano e caríbas.” Ou seja, segundo Gilroy, a diáspora desempenha um papel crucial na formação da identidade do africano e na sensibilização de uma ‘diáspora negra’ permitindo a “organização da consciência ou a mobilização de formas de actuação política”¹⁷

A música, na visão de Cidra, é o produto no qual atravessa as fronteiras culturais e é acolhido por “diferentes grupos sociais envolvidos na sua troca e transmissão”¹⁸. E continua “...as diferentes modalidades de circulação de músicas, músicos e performers” são “desenvolvidas enquanto estratégias de inserção em sociedades de acolhimento” mas diríamos que não somente uma estratégia de inserção na sociedade de acolhimento como também o elemento preponderante para a afirmação de suas identidades. Também por isso “os modos de actuação da indústria internacional da música crescentemente entrelaçam com a produção cultural no âmbito de redes sociais migrantes” (Cidra 2008). Em relação a isso, podemos concluir que a divulgação da cultura e da música além fronteira é feita maioritariamente pelos migrantes e que a diáspora sempre contribuiu, através destes, para a divulgação da música, da cultura e identidade cabo-verdianas.

¹⁶ CIDRA, Rui. In op cit. p110

¹⁷ Idem. p109.

¹⁸ Idem. p110.

2.2. Enquadramento histórico da emigração cabo-verdiana

Em Cabo Verde, desde muito cedo, a emigração constitui um fenómeno da sociedade, pois foi o único jeito que os cabo-verdianos acharam para escapar à seca e à fome que assolavam o nosso País, ao longo do seu itinerário histórico.

Segundo João Lopes Filho, Cabo Verde “apresenta-se como uma sociedade migrante, primeiramente no espaço do próprio arquipélago (inter-ilhas) e depois difundindo-se pelo mundo, em deslocações de âmbito internacional.”¹⁹

Muitas são as causas que levaram os cabo-verdianos a emigrarem para longe do país. Entre elas podemos destacar: As estruturas sócio-económicas em que a base da economia é a agricultura de subsistência, que muitas vezes é condicionada pela falta de chuva. Também em Cabo Verde o desemprego é uma realidade fazendo com que as pessoas emigrem para outros países de forma a assegurarem o sustento da família. Uma outra causa da emigração seria a própria história do nosso País, pois desde os primórdios da sua formação os cabo-verdianos foram obrigados a interiorizarem o fenómeno migratório como parte integrante do nosso país. “Fomi 59” da autoria de Codé di Dona, retrata claramente a situação vivida nas ilhas e o drama de ter que deixar tudo para aventurar em outro território.

A emigração assenta-se em dois tipos: A emigração forçada e a espontânea. Falando-se da emigração forçada, podemos destacar o recrutamento de cabo-verdianos, no séc. XVIII, para a Guiné e mais tarde, no séc. XIX, para São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique com a finalidade de trabalharem nas roças.

A emigração espontânea, que também não deixa de ser forçada, pois há sempre um motivo que leva a pessoa a deixar a sua pátria e estabelecer-se no estrangeiro, consiste na deslocação de indivíduos para outro país sem interferências de outras forças.

Segundo António Carreira “a primeira corrente de emigração cabo-verdiana (no sentido autêntico do termo) data do final do séc. XVII ou primeiros anos do XVIII, foi orientada para a América do Norte”.²⁰

Estes primeiros emigrantes foram juntamente com pescadores americanos (de baleia) que durante as suas actividades vinham às águas de Cabo Verde e eles acabaram por ir sob o

¹⁹ FILHO, João Lopes. *Introdução a Cultura Cabo-verdiana*. Praia. ISE. 2003. p. 296

²⁰ CARREIRA, António. *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde*. 2º Ed.1983. p. 65

regime de contratos nesses barcos. É de realçar que muitos dos nossos emigrantes naquela época não regressaram à terra por falta de meios financeiros.

Ao lado da emigração para as Américas encontramos uma outra vaga migratória para o Senegal, isto na sequência da lei das quotas de 1924 que limitava a emigração para a América. A emigração para o Senegal, também clandestina, constituiu, muitas vezes, uma espécie de “trampolim” em direcção aos países europeus, como a França e a Holanda. Relativamente a emigração para a Europa iniciou-se nos anos 30 para Portugal e mais tarde para Roterdão (finais dos anos 50).

Como podemos observar, os motivos que levam o cabo-verdiano a emigrar-se são vários e são claramente evidenciados em diversas canções, onde podemos destacar o tema “*Angola*” de Lela de Maninha, propondo uma alternativa para escapar aos vários problemas vividos em Cabo Verde – a emigração para Senegal (*é sô rolá manga di colete, pâ nô bá pá Dakar*), sem esquecer que a emigração via Senegal era ilegal. Entretanto, como forma de fugir ao contrato para Angola ou outras paragens, o cabo-verdiano encontra na emigração clandestina uma forma de resolver o seu problema. Vê-se claramente que ele não se acomoda com os problemas do dia-a-dia, buscando sempre novas alternativas como é bem ilustrado nos temas “*biografia de um kriol*” de Manuel de Novas, “*Alto cutelo*” de Renato Cardoso e vários outros. Sabemos que o cabo-verdiano é muito apegado à terra, aos costumes e à tradição, entretanto, ele parte, sempre com a esperança de um dia poder regressar para contribuir para a construção do país. É de realçar que o cabo-verdiano espera sempre ser bem sucedido com a emigração, o que nem sempre acontece como é bem visível tanto no tema “*alto cutelo*” (*Exploradu, enganadu*) como no tema “*biografia dum Kriol (N`sai pa stranger, rudiod d`farizeu; na meio de fel ma sangue; M`teve sabe e margose)*” e por vezes mostra um certo arrependimento por ter viajado como é retratado no tema “*su`n sabeba*” de Beto Dias. A vontade de regressar é consequência da separação da terra natal, mas que nem sempre é possível devido a vários condicionalismos: falta de meios (*kabu sta mariadu*) ou a incerteza em poder retornar ao país de acolhimento. O seu desejo de retorno não se restringe apenas ao seu micro – espaço, mas sim ao macro - espaço cabo-verdiano.

BOA VISTA NHA TERRA

*Oi Boa Vista nha terra
Sol ta nase N ta pensá na bo
Sol na puente, ami na beira mar
Ta vista montes e roxedos di nha terra
N tem sodade di nha tirrinha ausente*

*Sodade di nha mãe
nha kretxeu
ma nhas camaradas.*

*Ho terrinha ingrata N ta amabu
Na nha corason ka bu faze-m d'es
Pa bu ka fri-m nha korason
ka tem sodade mas profundu
Vista nha tirrinha prosima
Pa N ka podê piza-l nha
Momento ku N ta vista-l*

Fonte: (www.cifras.com.br/pais/cabo-verde)

Assim, podemos ver que, a emigração cabo-verdiana, que tão cedo começou, deu origem à formação de várias comunidades nos países de acolhimento, com aspectos culturais próprios, advindos da socialização do emigrante, e aspectos tradicionais que conservam e divulgam nesses países.

Desta forma, Cabo Verde transformou-se num país com a maioria da sua população emigrada, ou seja, a população emigrada é maior que a residente. É o que depreendemos partindo da leitura de dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatísticas, publicados em 2008, segundo os quais hoje em dia são um milhão de cabo-verdianos vivendo fora do País, o equivalente a dois terços da população nacional.

Com efeito, sabe-se que o cabo-verdiano, no país de acolhimento depara-se com uma cultura diferente da sua e que ele a assimila mas a ligação com a cultura de origem mantêm-se através de um forte sentimento de identificação com a cultura de origem, mantida através de costumes, crenças e língua e transmite-as aos seus descendentes e estes, por sua vez, conseguem identificar-se com a cultura cabo-verdiana. A emigração foi e é sem dúvida, a principal responsável pela produção e divulgação da música cabo-verdiana no além fronteiras. Ou seja, em toda a diáspora, a música interpretada, gravada ou dançada constituiu meio significativo para os emigrantes e seus descendentes articularem identidades culturais, organizarem sociedades e ou demarcarem momentos rituais e religiosos.



Fig.1. Paulino Vieira (fonte: www.paulinovieira.com)

Igualmente podemos ver que a emigração trás para a música novas temáticas como a saudade ou a distância da terra, dos amigos, do “*cretcheu*”, da família e consequentemente o dilema do cabo-verdiano: Querer ficar e ter que partir. Ela é retratada, de forma geral, como uma nostalgia que separa o cabo-verdiano da sua terra e consequentemente uma vontade enorme de regressar à terra para “matar” as saudades dos entes queridos, dos costumes. Paulino Vieira, através da canção “*Prece de un fidje*”, demonstra a vontade em regressar afirmando que “*lá tude koza é más sabe, tude koza é más dose...*”. Igualmente Toy Vieira, na canção “*Dansa ma mi kriola*” (*sabura é lá na nôs terra Kabu Verde; lá no ta sinti na meu d’nôs tradison*) evidenciando igualmente o apego à terra, embora vivendo na diáspora. Também a designação da emigração como “*terra longe*” patente em todos os textos que falam sobre a emigração, bem como a personificação de entidades como mar, rio, ilustrado nos textos de B-Leza “*Lua lumia-m caminho*” e “*Ondas sagradas do Tejo*”, para estabelecer o contacto com a terra, demonstrando uma certa aflição motivada pela saudade da mesma. É o desejo de regressar o que traduz as palavras de Eugénio Tavares quando afirma que “*korpu ke é skrabu ta bai, alma ke é libru ta fika*”.

CAPÍTULO II

A MÚSICA DE CABO VERDE NO CONTEXTO DA CULTURA NACIONAL

Consideramos necessário remeter um pouco à origem da música, não de forma aprofundada, mas para situarmos a chegada da música em Cabo Verde. Segundo o autor Manuel Tavares²¹, “o conceito de música é, às vezes, muito mais delicado e mais vasto do que o termo em si encerra.” Uma vez que a origem da música suscita dificuldades por não ter dados sobre as primeiras manifestações.

Segundo o autor César Augusto Monteiro²², “a palavra *música* tem origem no termo grego antigo *mousiké techné*, que significa «*arte da musa*» e corresponde (...) a um conjunto de sons físicos, organizados de modo a que o objectivo último seja atingido através de sons e movimentos”.

É sabido que “na história de muitas civilizações regista que quase todo o povo dispõe de um deus ou de um tipo qualquer de representação mitológica ligada à música.”²³ O que nos leva a crer que havia uma tradição musical transmitida oralmente e que ao longo dos séculos foi-se evoluindo “mas o maior progresso alcançado verificou-se entre o início do século XIX e a primeira década do século XX, constituindo as duas mais profundas revoluções registadas na história desta arte – a revolução bethoviana e a schonberguiana. Sendo a primeira, uma

²¹ TAVARES, Manuel de Jesus. *Aspectos Evolutivos da Musica Cabo-verdiana*. Praia. Centro Cultural Português/IC Praia.2005.p13

²² MONTEIRO, César Augusto. *Algumas Dimensões da Expressão Musical Cabo-Verdiana na Área Metropolitana de Lisboa* in Comunidade(s) cabo-verdiana(s) : as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana / org. Pedro Góis. ISBN.p127

²³ . TAVARES, Manuel de Jesus In op cit.p15

mudança de sentido e significado da música e a segunda a inovação de certos aspectos técnicos e formais.”²⁴

Ainda na visão de Tavares, “mesmo que esta época tenha coincidido com o delinear da verdadeira música cabo-verdiana, ao falar da sua evolução, há que ter cautela em tomar como referência primeiro o processo de fixação de vidas humanas no recém-chegado território, a formação de uma cultura musical e só depois o percurso rumo ao seu desenvolvimento e evolução.”²⁵

É de realçar o papel importante desempenhado pela Igreja, tanto na formação musical como no empréstimo de instrumentos, os quais os músicos cabo-verdianos não tinham. Por isso Manuel Tavares²⁶ chama atenção à necessidade de “reconhecer o papel e a contribuição das igrejas na formação da classe musical...” Prova disso é o comentário do Pe. António Brásio nos finais do século XVII (1652), aquando da sua visita à então colónia portuguesa, onde ele elogia a qualidade da música destas ilhas referindo-se aos clérigos negros da Ribeira Grande como sendo também grandes músicos.

Com o povoamento e o conseqüente encontro de culturas, europeias e africanas, respectivamente, cada uma com a sua experiência musical aos poucos elas se fundiram e cada uma, com a sua contribuição, acabaram por dar origem à música tipicamente cabo-verdiana. “Assim, ao longo da sua história, Cabo Verde, elaborou uma música tradicional de uma surpreendente vitalidade, (...) que acabou por dar origem a géneros fortemente caracterizados e enraizados no seu universo,”²⁷ considerado como “uma das pedras basilares mais fortes da unidade nacional.”²⁸

Existem ritmos típicos de cada ilha, outros comuns a todas, dos quais podemos destacar a morna, a coladeira, o funaná. Mas no seu conjunto, todos falam da alma de Cabo Verde.

É importante realçar que “mais do que uma simples estrutura sonora, o *conceito de música* implica o de cultura que, por seu turno, envolve as estruturas sonoras como portadoras de cultura. Ou seja, a cultura e a música são caras distintas e complementares da mesma moeda.”²⁹

²⁴ TAVARES, Manuel de Jesus. *In op cit.* p15

²⁵ Idem.p16

²⁶ Ib Idem

²⁷ BRITO, Margarida. *Os Instrumentos Musicais em Cabo Verde*. Mindelo.Centro Cultural Português. 1998. p.13

²⁸ MONTEIRO, César Augusto. *Manuel d Novas: Música, Vida, Cabovedianidade*. Mindelo. Autor.2003.p.34

²⁹ MONTEIRO, César Augusto. *In op. cit.*p127

Em Cabo Verde, a música sempre participou na construção da identidade cabo-verdiana. Vamos considerar dois períodos muito importantes da mesma: são eles o período antes e o pós-independência.

1. Géneros musicais mais antigos

1.1. Antes da Independência

Para falar da música em Cabo Verde antes da independência remetemo-nos à chegada dos europeus e africanos a estas ilhas, que, tal como já foi referido, foram muito importantes para o surgimento da música cabo-verdiana. Ou seja, a mistura das raças reflecte-se na conjugação de sons e instrumentos europeus e africanos: o som nativo de África mistura-se aos instrumentos europeus e posteriormente aos instrumentos marcadamente latino, para assim se formar a música cabo-verdiana, mestiça como o povo cabo-verdiano.

No período antes do século XIX temos poucas referências relativamente à música sendo as primeiras relacionadas com a contribuição de Eugénio Tavares, na qual, segundo Manuel Tavares,³⁰ costuma-se situar a evolução da música cabo-verdiana antes e depois da sua vigência musical. “Este período representa...a estabilização e fixação de uma linha esquelética para a normalização da música cabo-verdiana.”³¹ Não se esquecendo que muitos dos géneros musicais ainda estão em fase embrionária.



Fig.2. Eugénio Tavares (fonte: www.eugeniotavares.org)

³⁰ TAVARES, Manuel. In op cit. p.17

³¹ Idem. p18

FORSA DE KRETXEU (Morna de Eugénio Tavares)

*ka tem nada nêbida
 Más grandi ki amor
 Si Deus ka tem midida
 Amor inda é maior
 Amor inda é maior
 Maior ki mar, ki séu
 Mas entre otos kretxeu
 Di meu inda é maior*

*kretxeu más sabi
 É kel
 Ke é di meu
 El é ke é txabi
 ki abri nha séu
 kretxeu más sabi
 É kel
 Ki N krê
 Si djan`perdel
 Morti dja bem*

*Ó forsa de kretxeu
 Abri-m nha asa em flor
 Dixa-m alcansa séu
 Pa-m bá odja Nosenhor
 Pa-m bá pidil simenti
 Di amor, sima ese di meu
 Pa-m bem da tudu djenti
 Pa tudu konxê séu.³²*

Nos finais da década de vinte e início de trinta, a música começa a ganhar outra feição. “Para isso muito concorreu o contacto dos músicos de São Vicente com ritmos de outras paragens que ancoravam o Porto Grande.”³³ O que nos começa a mostrar que a nossa música cedo esteve voltada para o exterior recebendo influências como é o caso da introdução, nessa altura, de vários instrumentos como o violão, cavaquinho, clarinete, piano, bateria e viola baixo que “acabaram por contribuir para a alteração da então fisionomia musical do arquipélago” (Tavares 2005). Destaca-se aqui a importante contribuição de mais um dos grandes nomes da música cabo-verdiana, B-Léza, a quem se atribui “o prodígio de ter revolucionado o cenário musical cabo-verdiano através do corte umbilical que consumou com a velha escola”³⁴ alterando a linha melódica, a feição e a própria poética, ou seja, quer no quadro da realização musical como a nível da composição.

³² TAVARES, Manuel de Jesus. *In op cit.* p88/89.

³³ Idem p19

³⁴ TIdem.p20



Fig.3. B-leza (fonte : www.asemana.publ.cv)

Resposta de segredo ku mar (Morna de B-Léza)

*Mi N staba xintádu mi só...mi só
kántu mar somá ku sé águ ta rola;
Logo xintidu corre-m na bô
Lonji de mi, sem sabe kumâ bu staba*

*Mar staba ta bem mansu ta rolá
ku ar de portador de uma nóba sábi
Má logo ki N odja-l um txorá*

*N txorâ sodadi di bô, nha kretxeu
Pamô ése mar ki tenebu lonji di mi
Logo N pidi nhôr Deus na séu
Pel traze-m bô pa nha dor tem fim*

*Mar konta-m kusé ke el flabu pa bu fla-m
N fica na mei de morte, ah! má bida
Fadiga, ah! mâ ku dor na kurasão*

*N animá N pidi Nosa Senhora da Grasa
Pe-l djuda-m bô nês afronta ki bo sta
Pel livra-m bô di mal â-ma disgrasa
Pel consola-m ti dia ki bô txiga, na mi*

*Mar sta bá lébabu un flor di speransa
Intxidu di sodade ke N tem di bô
Ke é pa bô guardá pa nós lembransa*

*Setá-m nha alma num beiju di meu
Pa bu kê beja ningém, lonji di mi
Lembrá ma bô é di meu...só di meu
Flôr di bô petu é mi...só mi.³⁵*

Ainda no mesmo século, encontramos vários “grupos musicais”. Na Praia a Sociedade Filarmónica Juventude, criada em 1864 e a Sociedade Recreativa Praiense em 1892. Em São Vicente, foram criadas em 1888 a Sociedade Recreativa Fraternidade e a Filarmónica de

³⁵ TAVARES, Manuel. In Op cit. p91/92

Artistas Mindelenses. Segundo Glaucia Nogueira³⁶, pouco se sabe sobre essas formações – instrumentos, número de integrantes, repertório (...). Entretanto, terão tido um papel importante oferecendo lazer ao público e oportunidades de aprendizagem.

E, por volta dos anos sessenta, mais uma vez encontramos, fruto do contacto dos músicos cabo-verdianos com outras experiências musicais, a introdução de novos instrumentos, desta vez os instrumentos eléctricos que vieram contribuir para uma massificação de vários grupos musicais por todo o País (Centauros, The Mindel's, Pop Académico, Apolo 11, oriundos de Santiago, entre outros). O que na opinião de Manuel Tavares “acabou por revestir a música de Cabo Verde de uma roupagem moderna a ilustrar uma evolução.”³⁷ Isto também graças ao nascimento, na diáspora do grupo musical Voz de Cabo Verde que veio trazer à música um maior dinamismo e projecção, difundindo-a além fronteira tal como ainda não se tinha visto na música destas ilhas. Muito embora houvesse outros artistas que preferissem continuar nos acústicos como o Humbertona, Luís Rendall, os irmãos Marques da Silva, Chico Serra e ainda outros pela mistura acústica e eléctrica. Após o 25 de Abril, houve em Cabo Verde uma explosão cultural, nomeadamente na música, com o surgimento de vários grupos como o Bulimundo e os Tubarões que vieram contribuir para a afirmação da música cabo-verdiana.

Podemos igualmente encontrar nesta época uma vasta produção de músicas de resistência, pois como afirma Eutrópio Lima da Cruz, a música desempenha um papel importante enquanto um elemento insubstituível de resistência cultural³⁸, que veio contribuir grandemente para a consciencialização da luta de libertação colonial.

“Ao mesmo tempo, e decorrente do processo de libertação, começa um movimento de revalorização das manifestações culturais que tinham sido desprezadas e reprimidas pelo regime colonial.”³⁹

Essa revalorização é acompanhada por uma ânsia de inovar e é neste contexto que surgem, por esta altura, novas formas musicais no cenário musical cabo-verdiano, a partir dos géneros musicais existentes, como por exemplo a morna balada de Renato Cardoso, entre outros. É um momento caracterizado pelo “retorno às fontes.”

³⁶ NOGUEIRA Glaucia. *As bandas de música (I) -Uma história de altos e baixos*. In Paralelo 14-Jornal Digital. Fevereiro de 2005

³⁷ TAVARES, Manuel. In Op cit. p26

³⁸ CRUZ, Lima Eutropio. *A Musica e a Resistencia Cultural*. in Kultura n° 2 Ministério da Educação, Ciência e Cultura. Praia. 1997

³⁹ GONÇALVES, Carlos e MONTEIRO, Wladimir. *CABO VERDE, 30 ANOS DE MUSICA – 1975 – 2005*. In op cit.p. 101

Como exemplo do dito anteriormente, destacamos a música Serafim de Manuel Faustino, que demonstra claramente a indignação do cabo-verdiano com a dominação colonial (*é ora de levantá cabeça e de pô tuga na lugar*) e de toda situação social vivida no país (...*kontra fome e desemprego, injustisa, miséria; kontra kolonialismu, kontra kapitalismu*). Já a música “*Nôs rasa*”, de Manuel de Novas onde, com seu sentido de pertença, exorta os cabo-verdianos a participarem na reconstrução nacional (*pa nô bem partisipá na konstrusão de um pove*). Assim, entende-se “*povo*” como a nação em todos os seus aspectos: social, cultural, económica e política, partilhando um espaço – as ilhas – bem como todos os emigrantes que por uma ou outra razão foram obrigados a partir. O autor centra a sua atenção na reconstrução identitária da nação pois o mesmo apela “*estória ke já pasá nô txa-l num konte à parte; nô trá vingansa e ódio de nôs kurasão*”. Igualmente, Norberto Tavares, com o texto “*Volta pa nôs tera Kabu Verdi*”, embora residindo desde muito cedo na diáspora, se sente muito ligado à terra. Demonstrando o seu papel activo de cidadão e de pertença às ilhas apela os cabo-verdianos a regressarem para reconstruir o país.



Fig.4. Manuel de Novas (fonte: www.caboverdeonline.com)

1.2 Pós - Independência

Como é de notar, a música também acompanhou o processo de emancipação e de independência nacional como um dos principais elementos de consciencialização e de consolidação dos ideais da luta de libertação colonial por se constituir numa “componente sedutora de fácil aderência.”⁴⁰

“Com a liberdade alcançada e o consequente banimento da interdição de qualquer forma de manifestação, quer política, quer cultural, a primeira preocupação foi reabilitar as

⁴⁰ TAVARES, Manuel, In Op cit. p28

formas culturais... precipitando assim a procura das origens.”⁴¹ Ou seja, assiste-se ao que se chama uma “explosão da música de Cabo Verde”: com a produção da música revolucionária e é marcada, segundo Glaucia Nogueira, “por temas fortemente datados e politizados e por um período muito bem caracterizado por um certo número de conjuntos, novas composições e a entrada sistemática nos saraus de números constituídos por batuque e funaná”⁴² tudo isto na tentativa de revalorização daquilo que é propriamente cabo-verdiano e elevação da cultura.

Tal como podemos notar, a independência nacional trouxe uma nova era também para a música, com a “libertação de toda a forma de actividade cultural e a cessação definitiva do impedimento imposto à grande parte dos géneros que verdadeiramente enformam a sua cultura musical,”⁴³ em que ela passa a ter um papel muito importante na cultura cabo-verdiana com a investigação de todos os géneros existentes. A música assume por esta cultura uma característica interventiva com uma função mobilizadora, isto apoiado pelas influências advindas do exterior onde na opinião de Manuel Tavares assiste-se a uma “invasão sem precedentes de ritmos oriundos de diferentes culturas musicais.” É o caso do “gumbé” da Guiné-bissau, “rebita” de Angola, “cadence” e posteriormente “zouk das Antilhas, “sowkos” da Africa Ocidental e Central, entre outros.

A década de setenta também é um período revolucionário para a música por se inaugurar uma “nova e moderna escola” voltada às origens, onde se destaca a contribuição de vários músicos, mas também alguns grupos musicais nos diversos estilos musicais. Na morna em que antes os temas eram relacionados com o amor, deus e a pátria (nacionalismo), com a nova escola, a temática abrange a realidade socioeconómica do país. Destaca-se os trabalhos dos músicos Paulino Vieira, Catchás e sobretudo Jorge Humberto, na qual contribuiu para a mudança da própria linha melódica da morna. À coladeira deram-lhe a forma e uma nova feição com as composições de Manuel de Novas, Ano Novo, Ramiro Mendes, Zezé di Nha Reinalda, Gregório Gonçalves, Frank Mimita e outros. O Funaná, que antes era conhecido somente no meio rural, vai, com a grande contribuição de Catchás, apoiado em instrumentos eléctricos e o grupo musical Bulimundo (fundado em 1977) se desenvolver e se urbanizar.

⁴¹ Idem

⁴² NOGUERIRA Glaucia. *25 Anos no palco e no disco*. In *Kultura* nº 2 Ministério da Educação, Ciência e Cultura. Praia. 1997

⁴³ TAVARES, Manuel. In op cit. p28



Fig.5.Frank Mimita (fonte : www.ruimachado.com)

Segue-se um período de estagnação “com o desaparecimento de vários grupos, a dispersão dos músicos a escassez de instrumentos eléctricos e a falta de música de Cabo Verde”⁴⁴ para transmissão na rádio o que segundo a mesma autora “teria levado a emissora oficial, em 1976, a criar o programa ‘Musica de Cabo Verde – Artistas e Intérpretes’ com o objectivo de gravar actuações de novos artistas e grupos”⁴⁵.

Em 1977, foi realizado, na praia, um mini festival com o objectivo de angariar fundos para o III congresso do PAIGC, o que mostra que, segundo Nogueira “a estagnação era só aparência, faltando na verdade estímulo e iniciativa” já que a adesão a este acto foi pronta e decisiva onde os convidados aderiram todos e outros se ofereceram para actuar.

A partir de 1978, “a fase de produção de música revolucionária entra em declínio e regista-se a entrada em cena de uma nova modalidade de Mornas e Coladeiras do compositor Manuel de Novas que vai fazer escola,”⁴⁶ e ele é um dos mais conceituados compositores da música cabo-verdiana.

Já em 1979 havia, na Praia, mais de 10 conjuntos, como nos dão conta os conjuntos inscritos num mini festival, realizado por ocasião do dia internacional da mulher, onde aparece alguns nomes como Voz di FARP, Abel Djassi, Nova Vida, Zeca Santos, Voz d’África, Seven Stars, Morabeza, Os Amilcares, Barca Quinta, Morabeza, Tubia 77, Estrela do Oriente e o violinista Lim kim. Entretanto havia a falta de instrumentos eléctricos que não se encontravam à venda no país nem eram importados.

Por ocasião do 5º aniversário da independência nacional, foi realizado um festival, não competitivo, abrangendo conjuntos não somente da Praia, no qual participa o Bulimundo, que até à data tinha actuado somente no interior da ilha de Santiago ou então em bairros periféricos da Praia. Nesta cidade, com o contacto dos vários conjuntos com o funaná, este

⁴⁴NOGUEIRA Glauca. In op. cit.p176

⁴⁵ Idem

⁴⁶ GONÇALVES, Carlos e MONTEIRO, Wladimir. *CABO VERDE, 30 ANOS DE MUSICA – 1975 – 2005*. In op cit.p. 103

deixa de ser um género regional e passa para um género nacional. Portanto “a actuação do Bulimundo no festival Praia-80 foi o gatilho para a eclosão do fenómeno funaná ...”⁴⁷

Em Setembro de 1982, realiza-se o primeiro concurso ‘Todo o Mundo Canta’, organizado pela JAAC-CV, com o objectivo de descobrir novas e melhores vozes; valorizar a música nacional; proporcionar momentos de convívio entre os jovens cabo-verdianos residentes no país e no estrangeiro e romper com a rotina. Esta primeira sessão foi realizada somente na Praia e teve cerca de 70 concorrentes. O vencedor foi Carlos Eduardo Lopes, que para além do prémio ganha também o apelido de ‘Bana’ devido à proximidade da sua voz com a do cantor com o referido nome.

Em 1983, surge uma nova edição do concurso, mas desta vez no âmbito nacional onde somente a ilha do Maio estava ausente devido a dificuldades em se realizar a fase regional. E o vencedor desta edição foi António Marques Lopes, representante de São Nicolau.

‘Todo Mundo Canta’ passou a ser o evento mais importante entre as actividades da Semana de Juventude, realizada pela JAAC-CV, por mais de uma década que irá atrair multidões e centenas de concorrentes com alguns talentos, que posteriormente vieram se afirmar como intérpretes e compositores da música cabo-verdiana. De entre eles podemos citar nomes como Mirri Lobo (segundo lugar em 1983), Sãozinha Fonseca (vencedora em 1985 e representante de Estados Unidos), Mário Lúcio Sousa (representante dos estudantes em Cuba, em 1987), Jorge Neto (Vencedor em 1987, proveniente da Holanda), Mário Rui (segundo lugar em 1990) entre vários outros artistas, que viram no ‘Todo Mundo Canta’ o pontapé de saída das suas carreiras. Temos também o caso de alguns compositores que se estrearam por esta altura, como Antero Simas, que saiu com o prémio de composição em 1987, igualmente Djo d’Eloy, com várias composições interpretadas por vários concorrentes, entre outros.

Como suporte do concurso estava o grupo Abel Djassi que acompanhava as apresentações dos concorrentes e daí sair também nomes que se destacam no cenário musical cabo-verdiano como é o caso de Quim Alves, Totinho, entre outros. Também o concurso serviu para o debate entre as pessoas, com polémicas e controvérsias pelo meio.

⁴⁷ NOGUERIRA Glauca. *25 Anos no palco e no disco*. In *Kultura* nº 2 Ministério da Educação, Ciência e Cultura. Praia. 1997



Fig.6. Quim Alves (fonte: www.asemana.publ.cv)

A partir de 1990, o concurso começou a declinar-se e no ano seguinte não houve concurso, devido à extinção da JAAC-CV, entidade organizadora do concurso (devido as eleições pluripartidárias e a consequente perda do partido no poder). Em 1992, a UJSD (União da Juventude Social Democrata), organizou a ultima sessão do ‘Todo Mundo Canta’, mas sem o Abel Djassi e com novas características.

À semelhança de ‘Todo Mundo Canta’ organizaram-se outros festivais, com o intuito de proporcionar momentos de convivência entre os cabo-verdianos. Assim, ainda na década de 80, encontramos o Festival Nacional dos Pequenos Cantores, organizado pela OPAD-CV (Organização dos Pioneiros Abel Djassi); o Festival de Vozes Femininas, promovido pela OMCV (Organização das Mulheres de Cabo Verde) onde participaram várias intérpretes como é o caso da Cesária Évora e Celina Pereira bem como um encontro das batucadeiras na Praia, também organizado pela OMCV.

Igualmente, os festivais musicais tiveram um papel importante na divulgação da nossa música em Cabo Verde e proporcionando momentos de convivência e de aprendizagem entre os músicos e não só e com espaço para todos os géneros: morna, funaná, reggae, rock entre outros.

Ainda na década de 80, partindo da ideia de alguns artistas sãovincentinos (Vlu, Vasco Martins, Dany Mariano, Voginha, Tey Santos e outros), surge o festival de Baia das Gatas, reunindo cerca de 50 participantes e com uma potência de 150 watts.⁴⁸ No decorrer dos anos o número de participantes foi aumentando gradualmente. Com o aumento das despesas tiveram que pedir apoio à Câmara Municipal e deste modo o festival foi saindo das mãos do grupo inicial. Logo começaram a convidar artistas de fora para participar no referido festival. Este e todos os festivais realizados em Cabo Verde têm sempre problemas financeiros. Mas mesmo assim o festival foi ganhando contornos internacionais e ganhando cada vez maior número de participantes e o público, atraindo não só cabo-verdianos residentes nas diversas ilhas mas também pessoas de outras nacionalidades e ganhando também vários patrocinadores.

⁴⁸ NOGUEIRA, Gláucia. *25 Anos no palco e no disco*. in *Kultura* n° 2 Ministério da Educação, Ciência e Cultura. Praia. 1997

Assim o festival, “com o Pelouro do Turismo da Câmara Municipal de São Vicente a presidir a organização, abrirá espaço para outras manifestações além dos espetáculos habituais, como exposições e exhibições ligadas ao Carnaval e ao Cola San Jon, além de um concurso de miss (...) é hoje um ponto de encontro incontornável entre artistas cabo-verdianos e não só, e o seu público.”⁴⁹

Em menor escala e com maiores problemas, encontramos outros festivais em outras ilhas: em 1987, cria-se o festival da praia de Ex-curraleite; o da Gamboa na Praia em 1990, o de Santa Maria no Sal em 1990 e, em 1998, o da Praia de Cruz, em Boa Vista. É de realçar que estes dois últimos vieram a ganhar contornos importantes, diferentemente da de Ex-curraleite, por exemplo.

Ainda a década de 90 é igualmente caracterizada pela internacionalização da música cabo-verdiana com os artistas Bana e Cesária Évora que estavam, ao mesmo tempo, se preparando para conquistar o mundo. Porque “...o cabo-verdiano, apesar do forte apego à sua cultura, não deixa, no entanto de se servir das suas descobertas e das inovações postas pela ciência a disposição da humanidade”⁵⁰ e que segundo Wladimir Monteiro “a nova geração enveredou-se sem complexos por novos caminhos e levou, até às últimas consequências, as pesquisas inacabadas dos músicos das décadas anteriores”⁵¹. Com a moderna música, fruto das várias influências que desde muito cedo a música de Cabo Verde sofreu, nasce uma nova forma de fazer a música e, sem dúvida, que os filhos dos emigrantes cabo-verdianos que se interessam por esta arte são os que mais influências sofrem, consoante o país onde nasceram ou vivem, muitos fundindo vários géneros dando origem a novos ritmos. É o caso do grupo Cabo Verde Show que “dará a esta nova expressão musical a designação de coladence...traduz-se na própria fusão musical da coladeira e do cadence.”⁵² Gil Semedo também designa o seu estilo de caboswing, entre outros. Temos em Cabo Verde um grupo de músicos residentes que vão também sofrer essa influência, como é o caso do Kaká Barbosa com o funambá (uma junção do semba angolano, salsa latino-americano e do funaná).

Igualmente o Orlando Pantera, um dos nomes que fez estudos sobre a música tradicional, que incidiu os seus estudos sobre o Batuque e o Finaçon que vão alcançar grandes progressos, fazendo surgir uma nova linha melódica. Com efeito assiste-se a uma proliferação de grupos de batuque em quase todos os bairros da Praia e da ilha de Santiago. Os seguidores

⁴⁹ In op cit.

⁵⁰ TAVARES, Manuel. In op cit. p 38

⁵¹ GONÇALVES, Carlos e MONTEIRO, Wladimir. *CABO VERDE, 30 ANOS DE MUSICA – 1975 – 2005*. In op cit.p. 112

⁵² TAVARES, Manuel. In op cit. p38

de Pantera têm nome próprio. São chamados de ‘geração Pantera’ onde temos, por exemplo Lura, Txeka, Mayra, Vadú, entre outros, e a música produzida é uma fusão dos ritmos do batuque, colá e funaná.

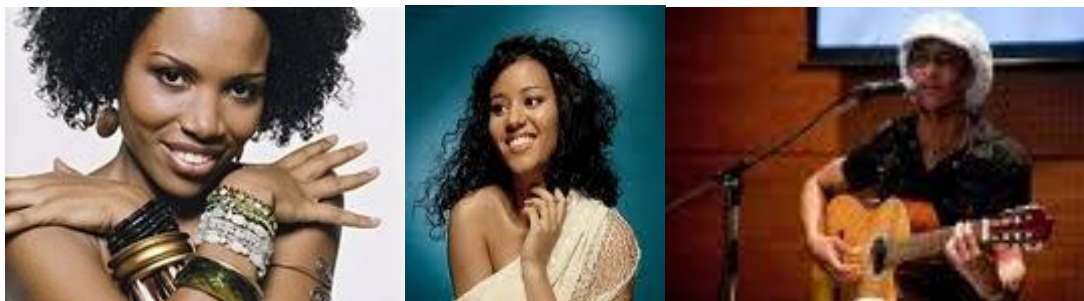


Fig.7. Lura; Mayra Andrade; Vadú (fonte: www.asemana.publ.cv)

Depois de seguir este fascinante percurso da história da música cabo-verdiana analisaremos, de seguida e em especial os estilos musicais que ao longo dos séculos foram sendo introduzidas e como eles se integraram no cenário musical cabo-verdiano.

2. Os novos estilos e a sua integração na música cabo-verdiana: formas de reivindicação

Cabo Verde sempre foi influenciado por vários ritmos estrangeiros, entre os quais o lundum, polcas, mazurcas, galopes, contradanças, lanceiros e actualmente pelo zouk e pelo hip-hop, entre outros. Nesta óptica, pretendemos fazer um estudo de como, ao longo da nossa história, essas formas musicais foram introduzidas e como elas se inteiraram na nossa cultura, permaneceram como eram ou sofreram alterações e ainda como é que o cabo-verdiano os reivindica como sendo de Cabo Verde, ou seja, de que forma elas se integram no contexto da nossa cultura. De entre eles, pretendemos destacar a mazurca, a contradança, o landú, o zouk e o hip-hop:

Tal como vimos, vários foram os géneros musicais que, ao longo dos tempos foram introduzidos no cenário musical cabo-verdiano. Vamos aqui relembrar algumas que achamos

ter alguma relevância para a história da música deste arquipélago. Landú, mazurca e contradança por estarem entre os primeiros, zouk e hip-hop por serem dos últimos.

2.1. O Landú (Lundum)

Canto e dança de origem africana que foi levado para Brasil por escravos, principalmente de Angola e tornou-se imensamente conhecido no século XVIII muito embora estivesse no Brasil há mais de um século, mas era muito combatido pelo Governo Colonial porque estes alegavam que o landú representava uma “concorrência à igreja e também um perigo de mistura étnica e social”⁵³. Daí teria emigrado para Portugal e Cabo Verde significando, neste último, “dança cerimonial do casamento (...) que obedece um padrão próprio de organização e de progressão.”⁵⁴

O Landú terá chegado em Cabo Verde, segundo António G. Lima, através dos barcos que aportavam a ilha da Boavista, nos finais do século XVII, devido ao comércio de exportação do sal e da urzela e a partir daí terá imigrado para as outras ilhas, particularmente as do Barlavento. Entretanto, ele terá fixado na Boavista onde é cantado e dançado até aos dias de hoje na qual aculturou, uma vez que, segundo Manuel Tavares, “pela característica que ainda hoje apresenta, poder-se-á concluir que o landú terá chegado no arquipélago cabo-verdiano restringindo unicamente à música...”⁵⁵ Portanto transformou adquirindo desta forma uma nova dinâmica.

Assim, na Boa Vista, o Landú representa um dos pontos mais altos da cerimónia do casamento, denominada por António G. Lima pela dança nupcial da meia-noite. Este canto-dança, tal como já foi dito, ainda hoje faz parte do repertório cabo-verdiano, mais precisamente da Boavista e São Nicolau.

⁵³ LIMA, António Germano. In op cit. p.267

⁵⁴ Idem p.266

⁵⁵ TAVARES, Manuel. In op cit. p50

2.2 A Mazurca e a Contradança

Para abordar a origem da mazurca e da contradança os investigadores são unânimes em afirmar que “não se sabe ao certo por que vias terá entrado em Cabo Verde até conseguir se estabelecer como elemento da cultura.”⁵⁶

Sabemos, entretanto que a mazurca é uma dança originária da região polaca da Mazuria. Outrora associado à burguesia cabo-verdiana, ouvida e tocada em quase todas as ilhas e ainda hoje é dançada e tocada em quase todas as ilhas embora tenha maior incidência nas de Santo Antão, São Nicolau, Boa Vista e Fogo, para onde terá emigrado, tendo neste ultimo transformado no “robalo”.

A Contradança, provavelmente tenha originado do ‘Country-dance’ Inglês, embora se pressupõe que fora introduzida, em Cabo Verde, pelos franceses.

Em Cabo Verde “assumiu-se como musica folclórica ...a voz do comando realiza-se toda ela em língua francesa, com a pessoa investida nesta função a receber o título de mandador.”⁵⁷

“Bengala de pó” (Mazurca - uma das mais antigas)

*Menel, óh Menel,
Óh Menel d`Antóna
K`mâ mi bô-n de otxá
Ma u kum ta dze-be
Kônd nôs dôs ranja
Bô tá besti só kemsinha
Ké bo-n dinha kalsa*

*Lembrá
Ke mâ nha mémé dze-m
Sa pum kazá má bô
N`tá peri de ote ome
Má el tinha rezon
Kê bô estromonté-m
Bô léрге-m no munde
Bô bá ranja ote muer*

Menel, inda N tem ke oió-be

⁵⁶ Idem. p51

⁵⁷ Ib Idem

*Te andá limbdim nô txon
ku bingala de pó nô mom
Mal u ke bô fêze-m
Mi-n do dó-be perdon (bis)
Nem ke juei no txom*⁵⁸

2.3. O Zouck e o Hip-hop:

Os filhos dos cabo-verdianos, assimilando a cultura dos pais e a do país natal ou de acolhimento “elegem formas de cultura expressiva associadas às populações afro-americanas ou participando numa imaginação de uma «diáspora negra», como recursos significativos de reconfiguração de identidades e de expressão cultural.”⁵⁹ Contribuindo para a introdução de novos ritmos no cenário musical cabo-verdiano, como é o caso do zouk, do soukouss, do hip-hop entre outros.

O zouk é uma música “electrónica de dança formada entre as Antilhas e Paris na segunda metade na década de 70, ...”⁶⁰ e apareceu no cenário musical cabo-verdiano nos finais da década de 80 e início dos 90, através da música da diáspora onde os músicos e produtores cabo-verdianos, ao introduzirem no Funaná e na coladeira instrumentos eléctricos e acústicos, acabam por imitar o Zouk, como Carlos Gonçalves e Wladmir Monteiro explicam: “... a fórmula encontrada depressa é retomada por outros músicos e desemboca nos anos 90 numa produção comercial e cópia, pura e simples, de ritmos do Zouck das Antilhas”⁶¹.

Rapidamente, muitos músicos cabo-verdianos, sobretudo os mais novos, passaram a privilegiar esse ritmo em detrimento da tradicional, facto este que tem causado muita polémica no seio dos músicos que cultivam a música tradicional e dos cabo-verdianos, de uma forma geral, onde é posta em causa a questão das músicas estrangeiras a interferirem na música cabo-verdiana. Uns dizem que é algo positivo para a nossa música e que ela já possui características próprias – o colá-zouk, cabo-zouk e ou zouk-love – outros têm uma opinião

⁵⁸ TAVARES, Manuel de Jesus. *Aspectos evolutivos da música cabo-verdiana*; Centro Cultural Português: Praia, 2005, p80.

⁵⁹ CIDRA, Rui. *In op cit.* p117

⁶⁰ Idem. p117

⁶¹ GONÇALVES, Carlos e MONTEIRO, Wladmir. *CABO VERDE, 30 ANOS DE MUSICA – 1975 – 2005*. In op cit.p. 108

oposta dizendo que ela “está a sufocar a música cabo-verdiana, principalmente a coladeira que corre o risco de desaparecer.”⁶²

O Hip-hop, vindo da América do Norte, é dos últimos ritmos estrangeiros a entrar para o cenário musical cabo-verdiano, a partir de meados dos anos 90, com os jovens chamados de ‘a segunda geração de emigrantes cabo-verdianos’ e um dos grupos responsáveis pela sua entrada em Cabo Verde é o Black Side, de São Vicente.

Esses descendentes encontraram no hip-hop “um idioma de resistência e de reflexão sobre uma condição de exclusão racial e de marginalidade social...”⁶³ vividas nos diversos países onde residem. Ainda na visão do autor Rui Cidra⁶⁴ essas “práticas musicais não foram motivadas por uma relação «defensiva» como a memória e as referências de um território de origem, mas (...) a formação de identidades «assertivas» (...)” Ou seja eles procuram se identificar com um território que frequentemente lhes são negadas e com outro que muitas vezes eles desconhecem.

Este ritmo, muito cultivado e apreciado no seio dos jovens cabo-verdianos, está associado, na maior parte das vezes, com os jovens com comportamentos sociais menos correctos acabando dessa forma por ser criticada severamente pela população bem como pelos estudiosos da música que são de opinião de que “o Hip-hop nada de bom trouxe para a musica cabo-verdiana.” “Não se trata de inovação mas de cópia pura e simples do que fazem os jovens negro – americanos e outros”⁶⁵ ou seja “só as letras são Cabo-verdianas”.

Mas Rui Cidra diz que “a música e os comportamentos associados à criatividade culturais que lhes atribui novas identidades assentes em significados, ética, práticas corporais e que utilizando o som, o texto e o movimento designaram novas leituras e imaginações da sua cabo-verdianidade.” O que significa que esses descendentes, por um lado, procuram a sua própria identidade e, por outro, a identificação com o ritmo, traduzindo “as mediações complexas entre a cultura dos pais os materiais culturais globalmente difundidos pela indústria cultural, associadas às populações negras, ...”⁶⁶ Ou seja para esses descendentes o uso do crioulo constitui um legado transmitido pelos pais bem como de experiências raciais vividas um pouco por toda a parte. Isso, para nós, representa o mais importante: os descendentes dos cabo-verdianos conseguem se identificar com a cultura dos pais e escolhem a nossa língua para se expressarem nas suas músicas.

⁶² Idem

⁶³ CIDRA, Rui. *In op cit.* p 117

⁶⁴ Idem

⁶⁵ GONÇALVES, Carlos e MONTEIRO, Wladimir. *CABO VERDE, 30 ANOS DE MUSICA – 1975 – 2005*. In op cit.p 113

⁶⁶ CIDRA, Rui. *In op cit.* p118

3. Descrição das formas/gêneros musicais mais importantes de Cabo Verde:

3. 1. Batuque

Sabe-se que o africano, ao ser arrancado do torrão natal, trouxe para as ilhas, na memória, vários elementos musicais africanos e estes foram transformados em ritmos semelhantes já que o meio não permitia que estes tivessem instrumentos para utilizarem nas horas de descanso e/ou de lazer. Para matar a saudade, ele simula os ritmos utilizando palmas, panos, coxas, entre outros. Deste simular de ritmos nasce o Batuque.

Batuque é “uma cantilena acompanhada de Cimboa, que canta, soluça, geme e chora, conforme o canto da viola que se despnica, e a Chabéta que segue o ritmo, ora brando e cadenciado, ora forte e repicado, acompanhando a letra e a cadência (Finaçon), seguido do Torno”.⁶⁷

Ele é considerado a primeira forma musical cabo-verdiana, embora não seja cientificamente provada. Com características puramente africana, ele é constituído por vários elementos e formas onde podemos destacar o **Finaçon** que “é um canto singelo por que começa o Batuque, um prelúdio a solo, acompanhado pela viola ou pela cimboa”⁶⁸; a **chabéta** que consiste na elaboração de um ritmo, com o bater de palmas sobre um pano previamente preparado e colocado entre as pernas⁶⁹; um outro elemento muito importante no Batuque é o **torno** que é uma dança que acompanha o ritmo e inicialmente era dançado somente por mulheres.

⁶⁷ Definição de Armando Napoleão Fernandes citado em GONCALVES Carlos Filipe. *Kap Verd band.in* Descoberta das ilhas de cabo Verde. Praia. Arquivo Histórico Nacional (AHN). 1998. P180.

⁶⁸ Definição de Armando Napoleão Fernandes in op. cit.

⁶⁹ Segundo Carlos Gonçalves este bater de palmas é uma simulação de tambores dado que os africanos aquando da sua chegada às ilhas não encontraram, não trouxeram, nem o meio ambiente era favorável para terem tambores ou mesmo não era permitido o seu uso.

Todos esses elementos fazem com que o Batuque tenha uma sobreposição de vários ritmos. Também podemos verificar que é satírico.

Durante o período colonial, o Batuque foi muito combatido pelas forças coloniais no sentido de o extinguir tendo sofrido várias deturpações, deixando, por exemplo, de utilizar a cimboa.

Com a independência Nacional, há uma forte tendência em valorizar os aspectos tradicionais de Cabo Verde e o Batuque não foge à regra. Assim passa a ser divulgado muito embora já se tivesse perdido uma boa parte da sua forma original. A partir dessa altura podemos dizer que há um **segundo momento do Batuque** pois mesmo nos elementos encontramos, a partir dessa altura, modificações como por exemplo, é introduzido o plástico para embrulhar o pano da txabéta a fim de obter mais som; igualmente encontramos os homens a dançar o que antes era dança somente de mulheres, entre outros aspectos.

O Batuque, mesmo com alguns momentos de quase estagnação conta hoje com o seu momento de explosão: encontramos um maior interesse em inovar e cultivar este género musical que depois de tantas repressões conseguiu afirmar-se como uma das formas musicais tradicionais das mais importantes do país.

“BATUKU” (Orlando Pantera)

*Nha genti dentu sedu
Algen txoma-m pa-n soma na poial
N-ton mi kantu N-sai oh,
Es fla-n ma Batuku sta na moda*

*Ba Rubon Manel es convidam festa cazamento
Dixi pa Rincon es convidam batizadu
Na Kutelinho N atxa gentis na rubera, iei
Batukaderas ta rapika torno ku txabeta, eh*

*Eh nha kumadri dizimola Ka nha fla-m nada más
A mi dja-m odja ma batuku sta na moda*

*Primero N ba di riba
Dispôs N dixi baxu
Di modas ki N ka guenta
N toma panu na mosinhos*

*Oia,
Oi ia ia
Oi ia ia
Oi ia ia*

Fonte: (www.cifras.com.br/pais/cabo-verde)

3. 2 Funaná

O funaná é um género musical de compasso binário, com andamento duplo, médio e rápido. Inicialmente presente apenas no interior de Santiago e executado pela **‘gaita de mom’** (concertina ou acordeão diatónica) e pelo ferrinho mas que depois conquistou as zonas urbanas.

Diversos autores têm procurado dar uma explicação sobre a origem do funaná: Embora haja um consenso de que o funaná seja um género recente mas quanto a data do seu surgimento não há unanimidade, enquanto que uns datam para final do século XIX, outros para princípios ou meados do século XX. Em relação ao nome, segundo alguns autores, deve-se a dois notáveis tocadores de gaita e ferrinho – **Funa e Nana** – e que, da junção destas duas palavras surgiu o nome funaná.

Ele começou, como já se referiu, por ser um género musical típico do meio rural: que animava as festas dos camponeses, que tinha quase sempre brigas e por vezes mortes, foi sempre associado à vida mundana e desprezado como música de mau gosto ou de selvagem. Portanto, não seria de estranhar que as autoridades coloniais o combatessem com afinco.

Com a independência de Cabo Verde verificou-se uma evolução significativa do Funaná, antigamente executado com a **‘gaita de mom’** e **ferrinho**, mais tarde a partir dos anos 70 os grupos musicais Tubarões e Bulimundo – sobretudo este último que, sob a orientação do notável músico cabo-verdiano Katchás (Carlos Alberto Martins), consegue adaptar a música aos instrumentos electrónicos, garantindo assim uma certa virtuosidade e enriquecimento a nível harmónico: “O conjunto Bulimundo efectuou então um estudo dos ritmos e da estrutura melódica e de acordes do funaná que transportou para a execução com uma orquestra de instrumentos eléctricos”⁷⁰. E é a partir daqui que o funaná é elevado à categoria de música nacional, conquistando audiências dentro e fora do país.

Um outro grupo que ficou célebre é o Finaçon, que foi o responsável pelo lançamento desta música a nível internacional. Com os irmãos Zézé e Zeca de Nha Reinalda, os cantores e

⁷⁰ GONÇALVES, Carlos e MONTEIRO, Wladimir. *CABO VERDE, 30 ANOS DE MUSICA – 1975 – 2005*. In op cit.p. 105

compositores deste grupo, dois nomes de prestígio no panorama musical cabo-verdiano que, juntamente com os músicos Paulino Vieira e Tey Santos, deram também a sua contribuição ao funaná, considerado por Carlos Gonçalves a segunda revolução do funaná: “em termos de forma, arranjos e temática (...) introdução de novos arranjos e sonoridades (...) uma nova técnica de expressão e uma melhor adaptação dos instrumentos electrónicos ao funaná.”⁷¹

Nos finais da década de 80, encontramos uma outra importante contribuição para o funaná, desta feita vindo dos músicos da diáspora que introduzem uma nova sonoridade a este ritmo e os seus principais mentores são os conjuntos ‘Livity’, com o cantor Jorge Neto, ‘Rabelados’ com Beto Dias, ‘Gil and Perfects’ e ‘Splash’.

Os anos 90 são caracterizados por uma revalorização do funaná onde se dá o retorno às fontes para voltar ao funaná de gaita de mom e ferrinho, acompanhado da bateria e do baixo e, segundo Carlos Gonçalves, “o conjunto Ferro Gaita é o protagonista deste renascer e desta forma musical⁷²”, alcançando rapidamente um grande sucesso tanto a nível nacional como internacional.

FITISO DI FUNANA

Fitiso ki bu tem na korpu minina

E fitiço di Funana

Fitiço ki bu tem na kurpu kriola

E fitiço ki ta faze-bu brilha

Bu ta badja Koladera sabi

Pa da ku tornu minina ê sô bo

Bu ta baja Mazurka sabi

Ma bu badju ê Funana

Ku bu funana bu poi gera na sala

Bu poi omis ta briga pa bo

Na roda ku mininas bu ta brinca ku bu saia

Bu pônu tudu ku ôdju na bo

Oi oi oi oi

Fitiso di funana

Fonte: (www.cifras.com.br/pais/cabo-verde)

⁷¹ Idem.p. 107

⁷² Ib Idem

3.3. Morna

“Brada Maria”

*Bradei a Deus na noite escura e fria
Na noite horrível da minha agonia
E Deus ouviu-me lá do céu sem luz
Como ouvira a Maria aos pés da cruz.*

*Bradei, na sombra, o meu perdido amor
Senti sangrar meu coração de dor
E erguendo a voz em pranto, parecia
Que era uma estrela morta que gemia.*

*Eu era uma avezinha alegre e pura
Vivendo do gorjeio e da ternura
Um dia viu-me um tredo caçador
Roubou-me a luz e deu-me em troca a dor.*

*Sorveu, num beijo toda a minha vida
E deixou-me quebrada, esmaecida...
Depois abandonou-me só na estrada
Morta como uma estrela já apagada.*

*Então bradei a minha mágoa infinita
Até romper no céu a aurora linda
E minha honra lágrima perdida
Rolou e se sumiu no pó, sem vida.*

*Se vísseis caçadores sem bondade
Que o abandono é como uma orfandade
Jamais desninharíeis passarinhos
Para lançar à lama dos caminhos.⁷³*

De acordo com a tradição, a morna surgiu na ilha da Boavista, sendo a mais antiga a morna ‘Brada Maria’ mas a sua origem é muito discutida no seio dos autores: para uns a morna terá sido introduzida por marinheiros estrangeiros dado a semelhança que existe com

⁷³ TAVARES, Manuel de Jesus. *Aspectos evolutivos da música cabo-verdiana*; Centro Cultural Português: Praia, 2005, p83/84.

‘mornes’ dos mestiços da Martinica; para outros, como o Gilberto Freire, a morna é originária das Antilhas enquanto José Lopes considera-a de origem inglesa, ou seja, vinda do verbo ‘to mourn’ que significa lamentar. Entretanto, de todas estas tentativas de explicação da origem da morna entram em acordo quando dizem que a morna é fruto do encontro de civilizações e de inter-influências entre os vários povos que passaram por estas ilhas.

São várias as tentativas no sentido de precisar o conceito de morna. Todavia, diversos autores têm tido a preocupação de conceituar a morna. De entre eles propomos a de Napoleão Rodrigues Fernandes, por ser a que achamos mais completa: “canto e dança dolente, em compasso quaternário, impregnado na melancolia em que o povo soluça e canta o seu pesar, a sua tristeza e o seu queixume em tom plangente, dolente e soluçante.”⁷⁴

Inicialmente a morna tinha um andamento acelerado e os seus textos eram essencialmente de maldizer com críticas sociais e também era cantada por mulheres, tendo muitas ficado célebres por este facto.

Os instrumentos utilizados na morna são violino, violão, cavaquinho, guitarra portuguesa e violão de dez cordas e os temas tratados são para além de maldizer que já foi referido, a saudade, o amor, a tristeza, a emigração, entre outros.

Com a saída da morna da Boa Vista para a ilha Brava, esta evoluiu com a grande contribuição que Eugénio Tavares deu a esse género musical já que foi ele “quem mais elevou esse género musical e lhe daria uma lírica até hoje inigualável”⁷⁵, ou seja, é consensual atribuir a este poeta e compositor a estabilidade até hoje adquirida por este estilo musical.

Por volta dos anos 30, a morna ganha uma dinâmica com o nascimento do movimento literário ‘Claridade’ mais os compositores B-Leza (Francisco Xavier da Cruz), Luís Rendall, Muchim de Monte e outros. A morna ganha um novo estilo e São Vicente tornou-se no centro da morna, que perdura por várias décadas. Isto dado ao contacto com ritmos de outras paragens. Da Boa Vista, a morna partiu igualmente para as outras ilhas ganhando mais adeptos, mais compositores e enriquecendo cada vez mais.

A partir de 1950-70 com a vaga de emigração de cabo-verdianos para o estrangeiro, os compositores da morna retoma o tema saudade. Entretanto, é com o compositor sãovincentino Manuel de Novas que a morna viria a ganhar mais um contributo afastando deste modo da morna lírica e satírica.

⁷⁴ LIMA, António Germano. *Boa Vista, Ilha da Morna e do Landú*. Praia. ISE. S/D. p 181

⁷⁵ GONÇALVES Carlos Filipe. *Kap Verd band.in Descoberta das ilhas de cabo Verde*. Praia. Arquivo Histórico Nacional (AHN). 1998. P 107

A morna transformou, juntamente com o funaná, o batuque e a coladeira, num dos géneros musicais mais expressivo de Cabo Verde.

Podemos notar que a morna, durante muito tempo esteve ligada às experiências musicais de algumas ilhas como Brava, Boavista, São Vicente, com temas característicos de cada uma delas. Mas que posteriormente teria se espalhado por todo território nacional e pela diáspora.

3.4. Coladeira

Género de andamento binário, viva ou sambada, ritmicamente batida. É originária do aceleração da morna, portanto um género moderno e a única música urbana cabo-verdiana. Reza a história que a coladeira surgiu na ilha de São Vicente, entre as décadas de 40-50 de 1900 e a partir daí ter expandido para as outras ilhas.

Em São Vicente, ela ganha suporte com grandes nomes da época como o Goy (Gregório Gonçalves) e Djosa Marques que dão importante contributo, tornando a coladeira erudita e popular. No entanto, é com Frank Cavaquim, Luís Morais e Manuel de Novas que ela vai atingir o seu auge. Devido às influências tidas na emigração, nomeadamente dos ritmos latino-americanos (merengue, mambo) a coladeira nutre desses ritmos.

Assim a coladeira tornou-se popular em todo o país e não tardaria a entrar no cenário da emigração com os músicos cabo-verdianos bem como os emigrantes. Onde continua a sofrer influências.

Os temas tratados nesse género são a saudade, a mulher, a partida, a crítica social e igualmente muito satíricas.

CAPÍTULO III

A MÚSICA E A AFIRMAÇÃO DA CULTURA CABO-VERDIANA NA DIÁSPORA

1. Contextos de afirmação da música cabo-verdiana na diáspora

1.1. Espaços de difusão no mundo

A história da música da diáspora cabo-verdiana teve o seu início com a da emigração cabo-verdiana.

“Antes da independência de Cabo Verde, seria uma época difícil para o registo, difusão e projecção da música de Cabo Verde no exterior.”⁷⁶ Porque as oportunidades de gravação eram raras e não existia nenhum estúdio de gravação em Cabo Verde (em alguns casos aproveitavam os estúdios da rádio para fazerem as gravações). Portanto para seguir uma carreira profissional, o músico tinha que sair de Cabo Verde.

Segundo Vladimir Monteiro “é na América que encontramos pela primeira vez músicos cabo-verdianos”⁷⁷, dado que a emigração cabo-verdiana se direccionou primeiramente para esse continente.

⁷⁶ROCHA, Júlio Santos. *A Projecção da Musica e Dos Músicos de Origem Caboverdiana no Exterior de Cabo Verde – As Redes Transnacionais Protagonizadas pelos Músicos*. Dissertação de Licenciatura em Sociologia. Universidade Nova de Lisboa. F.C.S.H. Lisboa. p.13

⁷⁷ MONTEIRO, Vladimir. *Les Musique du Cap Vert*. Chandeigne. 1998. p.137

Na Europa, a música entrou em Portugal, na década de trinta, onde os artistas eram convidados pelo governo colonial para representar a música de Cabo Verde na exposição do mundo português. As músicas eram interpretadas em português, língua da maioria do público.

Na visão de Cidra⁷⁸ durante quase 30 anos assistimos a três processos de circulação de expressões musicais e de músicos na Europa: a emigração para a metrópole de estudantes e futuros funcionários da administração colonial; a emigração laboral para a Holanda associada ao trabalho em companhias de navegação e os eventos organizados pela política cultural do Estado Novo, associado ao regime de reconhecimento e de representação implementados pelas potências coloniais europeias entre a segunda metade do século XIX e o período antecedendo a segunda guerra mundial.

Durante o período do Estado Novo a apresentação pública da música e dança de Cabo Verde em Portugal aconteceram no âmbito de eventos em que se procuravam representar a públicos na metrópole a diversidade cultural e a autoridade política do ‘império colonial’ ou ‘ultramarino’ português.



Fig.8. Fernando Queijas e Titina

(fonte: www.caboindex.com)

A interpretação de mornas, mazurca e valsa permitia aos portugueses e não só, a escuta da música e da dança que caracterizavam essencialmente a experiência cultural dos cabo-verdianos facultando, deste modo, o reconhecimento da música e da dança cabo-verdianas favorecendo assim o acesso ao repertório das ilhas através da Emissora Nacional. E assim encontramos a entrada de estudantes (como Fernando Queijas, Marino Silva, Martinho da Silva) no cenário musical e que foram aceites na Emissora Nacional como cantores, possibilitando assim a gravação de dezenas de fonogramas comerciais para as editoras.

“A música de Cabo Verde, na época concebida como um paradigma da originalidade histórica da ‘missão colonizadora’ portuguesa, evidenciando acentuadas proximidades estilísticas e de ‘sensibilidades’ com a ‘cultura popular’ portuguesa (...) as canções de Cabo

⁷⁸ CIDRA, Rui. In *op cit.* p111

Verde adquiriram os traços de uma música ligeira ‘nacional’ familiar aos ouvintes da metrópole e do ultramar, evocando em simultâneo, a unidade política das regiões do império e a sua diversidade cultural.”⁷⁹ Aqui assistimos ao lançamento das bases para a afirmação da cultura cabo-verdiana na diáspora europeia, e não só.

A música cabo-verdiana serviu, na década de sessenta, de afirmação e consolidação de ideais políticos de libertação colonial. Portanto, ela era partilhada entre parentes e amigos mas também entre estudantes, funcionários da metrópole e os marinheiros contratados pelas companhias de navegação que se reuniam em festas e tocatinas a fim de partilharem os conhecimentos e ‘matar’ a saudade.

A gravação por músicos cabo-verdianos foi feita inicialmente em rádios, e posteriormente pela iniciativa de emigrantes cabo-verdianos como é o caso de Djunga de Biluca que criou uma pequena empresa para esses fins, designada Morabeza Records, que suportava a gravação de músicos vivendo na Europa e não só.

A partir dos anos 60 encontramos uma vaga migratória mais significativa com destino a Portugal devido a medidas de incentivo a emigração, tomadas pela metrópole para suprir a falta da mão-de-obra verificada em alguns sectores da economia portuguesa, causada pela emigração massiva de portugueses para outros países europeus e para a América e pelo envolvimento na guerra colonial e que segundo Cidra “esse fluxo migratório lançou as bases para uma cadeia de migração que, durante as décadas seguintes, teve amplas repercussões na experiência da cultura expressiva ... gerando a diversificação das experiências da música e dança no contexto da imigração do país.”⁸⁰ E conclui “entre os anos que antecedem a Independência Nacional e a última década do século XX, a área Metropolitana de Lisboa, tornou-se num centro vital de produção de musica de Cabo Verde, articulando crescentemente com outros centros da diáspora cabo-verdiana e com o arquipélago de origem”. É de realçar que em Cabo Verde não existia condições para a produção musical ou para a edição de discos.

Nos anos que sucederam a Independência Nacional os músicos, vivendo nas ilhas ou na diáspora, investiram economias pessoais no sonho de gravação de um disco. Mas, Cidra sublinha que “...o Estado de Cabo Verde concedeu vistos de entrada em Portugal e na Holanda a músicos que desejavam concretizar o projecto” de gravar um disco.

“Dada a inexistência de uma indústria musical formalmente estruturada, a edição discográfica obedeceu, acima de tudo, a estratégias informais de mercantilização que

⁷⁹ CIDRA, Rui. In *op cit.* p112

⁸⁰ Idem. p114

envolveram músicos, empresários e editores.⁸¹” E nesses negócios à volta da música prejudicaram, frisa Cidra, os interesses dos músicos em detrimento dos interesses dos empresários e editores discográficos, visto que estes eram rentáveis somente para os últimos, como por exemplo com o não pagamento dos direitos do autor.

Ainda, segundo o mesmo autor, “ o crescimento da comunidade cabo-verdiana em Portugal implicou uma diversificação de práticas expressivas em contextos culturais de experiência musical, bem como a emergência de novas políticas de identidade, sobretudo associado aos jovens descendentes da emigração cabo-verdiana.”

Em África, nos anos 60, Dakar foi o principal ponto de encontro dos músicos cabo-verdianos, porque na altura Senegal funcionava como trampolim para a Europa. Por essa cidade passaram João Dalomba, Adriano Gonçalves (Bana), Luís Morais, Toi de Bibia, Joaquim Almeida (Morgadinho), entre outros nomes da nossa música, entre os quais o grupo de músicos que mais tarde vieram a formar o Voz de Cabo Verde.



Fig.9. Bana (fonte: www.asemana.publ.cv)

“Mais tarde, surgiu em Portugal o célebre Grupo Folclórico de Cabo Verde, em 1962, que veio de Cabo Verde a convite do professor Adriano Moreira – Ministro da Cultura⁸²”. É por esta altura que surge, na Holanda – Roterdão – o Grupo Voz de Cabo Verde, transformando assim nos promotores e divulgadores da música de Cabo Verde, e por isso entendemos ser importante dar a esse grupo uma ‘atenção especial’.

Após a independência, vários foram as iniciativas que contribuíram para a divulgação da nossa música na diáspora entre os quais destacamos a participação de jovens da diáspora no concurso ‘Todo Mundo Canta’, em Cabo Verde vindos nomeadamente da Holanda, Portugal, Itália, Estados Unidos e Senegal onde alguns saíram vencedores como é o caso de Jorge Neto e Sãozinha, bem como a formação de grupos musicais como o Cabo Verde Show, grupo de descendentes de cabo-verdianos na Holanda, que veio dar forte impulso à

⁸¹ CIDRA, Rui. In *op cit.* p116

⁸² ROCHA, Júlio Santos. In *op. Cit.* p.14

divulgação da nossa música. Ainda a participação dos músicos da diáspora em eventos especiais em Cabo Verde, mormente os festivais musicais.

Assim, a música cabo-verdiana transformou-se numa “*etiqueta do povo das ilhas*”, ou seja, para onde ela for são concertos que ‘despertam o globo para um mundo de dez ilhas perdidas no meio do mar’. Não importa qual o género, se morna, coladeira, batuque, funaná, música erudita, pop/rock, ou o cabo-zouk, pois todos eles já carregam uma marca: música de Cabo Verde.

A preferência para a nossa música já vai para além da mera apreciação e ganha lugar nos discos e repertórios de concertos de artistas estrangeiros que ora se arriscam a cantar em crioulo, ora apostam em recriações de temas cabo-verdianos. Por exemplo, encontramos os DJs Joe Claussel e François Kerkovian que criaram remixes dos êxitos de Cesária Évora; igualmente encontramos bandas de jazz fazendo novas versões de temas que são hinos da música cabo-verdiana; estrelas do cenário musical internacional fazem convites aos músicos cabo-verdianos para participarem em seus discos; temas da trilha sonora de um filme de Almodovar que saíram do violino do músico cabo-verdiano Bau; os ritmos modernos de Gil Semedo entraram para o filme de Fernando Fragata, “Sorte Nula”, o filme português mais visto em 2004; um disco inteirinho de Vasco Martins (“Lunário Perpétuo”) serviu de trilha sonora de um documentário de Garegin Chookaszian intitulado “A História do Genocídio do Povo Arménio”; também o grupo Ferro Gaita levou os sons do funaná ao festival de Heineken Kalalu World Music, na ilha Caribenha de Santa Lucia.

Ninguém poderia imaginar tal progresso na música de Cabo Verde, isso olhando para as características e analisando o percurso da música de Cabo Verde, pode-se notar que o estatuto internacional que só ultimamente a música e os músicos cabo-verdianos têm vindo a conquistar há muito que o merecem.

1.2. Os músicos e a respectiva produção musical:

É sabido que em Cabo Verde não havia recursos para a produção musical, logo não é de admirar que “a produção da música de Cabo Verde seja indissociável de movimentos

migratórios e de modos de actuação transnacionais.”⁸³ Assim, nas primeiras décadas do século XX, encontramos os primeiros emigrantes que deixam o seu contributo a esse respeito e foram os que tinham meios para a gravação de discos. Portanto, com edições de autores e são conhecidos como os “marítimos tocadores”⁸⁴, ou seja, os cabo-verdianos que trabalhavam nos barcos.

Já na década de 60, na Europa, sai grande parte da produção discográfica, a destacar: a ‘Casa Silva’ e mais tarde a Morabeza Record’s de Djunga de Biluca, Black Power e Brandão Record’s, sobretudo a primeira suportando a gravação musical de músicos residentes na Europa, como a Holanda e Bélgica, bem como músicos de outras comunidades. Enquanto na América, por exemplo faziam-se maioritariamente edições de autores. É necessário salientar a importância que as produtoras musicais tiveram tanto na produção como na divulgação da música e cultura de Cabo Verde, pois os seus mentores têm sido incansáveis, investindo, procurando novas vozes e a promoção da cultura e tradição.

Entre os anos que antecedem a independência e os finais do século XX encontramos um significativo aumento da produção musical, por toda a diáspora, isto, graças ao processo de luta de libertação nacional, que como vimos, a música foi um instrumento de mobilização muito importante e posteriormente com o crescente aumento de “procura das raízes”.

Por toda a diáspora encontramos, já, indícios de criação de espaços de convivências entre cabo-verdianos e, ao longo dos tempos, deram origem a importantes centros de convivência e de divulgação da nossa cultura. É o caso do bar, restaurante e discoteca do Bana, “Novo Mundo” posteriormente, “Monte Cara” e recentemente “Enclave” que ao longo dos tempos tem dado valiosa contribuição para essa divulgação.

É de realçar que muitos desses músicos promoveram a ida para o estrangeiro de importantes músicos, onde podemos destacar o Bana que levou vários como “Armando Tito, Paulino Vieira, Tito Paris, Toy Vieira, Vaiss, José António, entre outros, que tornaram-se fundamentais para a performance da música de Cabo Verde...”⁸⁵ Igualmente encontramos o Paulino Vieira que não só tem contribuído para a divulgação da música, mas também de suporte para muitos outros, que com a sua ajuda, iniciaram a sua carreira musical.

Muitos outros, como estes dois que acabamos de referir, também apostaram na qualidade dos nossos músicos o que veio a contribuir para que tal como disse Mário Soares,

⁸³ CIDRA, Rui. *In op cit.* p105

⁸⁴ Idem. p113

⁸⁵ Idem..p115

prefaciando o livro de Raquel Ochoa⁸⁶ sobre o Bana, “é hoje uma das músicas mais ouvidas no espaço da Lusofonia e na Europa, com um ritmo próprio, singular.” Ou seja para que a nossa música se transformasse em música de qualidade.

Um outro suporte dado pelos emigrantes à nossa música, é quando estes, através de remessas munem os filhos, deixados em Cabo Verde, de instrumentos ou de meios financeiros que lhes permite iniciar ou concretizar o sonho de gravar discos no estrangeiro.

Podemos notar que, a produção da música de Cabo Verde foi assegurada pelos próprios emigrantes, muitos deles acumulando funções e investindo economias pessoais, para que pudessem assegurar, não só a produção como a divulgação que, á semelhança da produção, era feita pelos mesmos, por familiares ou por amigos. Por isso podemos dizer que os músicos, desde cedo, tiveram a consciência do seu papel na promoção, na divulgação e na preservação da nossa cultura. Para tal, individual ou em grupos, muitos têm contribuído para que a nossa música tivesse o reconhecimento internacional que tem hoje em dia e o seu respectivo valor na afirmação da nossa cultura, mormente no exterior. Por isso iremos, de seguida demonstrar alguns desses protagonistas, já que seria muito exaustivo falar de todos.

1.2.1. “Cape Verdean Ultramarine Band Club”: o primeiro grupo constituído na diáspora

Embora sem muitas referências, sabe-se que foi a primeira banda cabo-verdiana formada na diáspora. “Foi na cidade de New Bedford, Estado de Massachussetes, no ano de 1917, ...e extinguiu-se no decurso da década de trinta do século passado.”⁸⁷

Do pouco que pudemos apurar sobre esse grupo, sabe-se que ele participou em “várias comemorações de importantes datas nacionais dos Estados Unidos da América”⁸⁸ e que estiveram em Cabo Verde nos anos trinta (somente alguns elementos) na qual segundo Manuel Tavares foram trazidos por Abílio Macedo e efectuaram actuações somente na cidade da Praia.

⁸⁶ OCHOA, Raquel. *Bana: Uma Vida a Cantar Cabo Verde*. Planeta Vivo. Lisboa. 2008.p9

⁸⁷ TAVARES, Manuel. *In op cit.* p22.

⁸⁸ Idem

Mesmo com poucas informações, podemos concluir que, já na década de vinte, iniciava os primeiros passos para a divulgação da nossa música na diáspora. É certo que por esta altura os músicos ainda tinham algumas restrições mas a verdade é que se ainda hoje nós assistimos a uma maior divulgação da música feita pelos músicos na diáspora e não só, muito se deve à esses músicos.

1.2.2. O grupo “Voz de Cabo Verde” e a promoção da música cabo-verdiana no exterior

Este célebre grupo musical nasce na emigração, em Roterdão (Abril de 1965), mas a maioria dos elementos fundadores deste grupo saiu de Cabo Verde rumo a Dakar e deste rumo a Europa, sendo os fundadores do grupo Morgadinho (trompetista), João Dalomba (baixista), Toi de Bibia (guitarrista) e Frank Cavaquim (baterista). Depois, ainda no mesmo ano, convidaram Luís Morais (trompetista e saxofonista) e Djosinha como o vocalista da banda e da primeira actuação que vieram fazer em Cabo Verde, em 1968, convidaram Chico Serra (pianista) para fazer parte do grupo.



Fig.10. Grupo Voz de Cabo Verde, nos anos 60

(fonte: www.caboindex.com)

Paulatinamente, esses elementos iniciais foram sendo substituídos por outros e em 1973 vários outros músicos já tinham marcado a presença neste grupo, como por exemplo, os cantores Bana, Mário Pop e Leonel; os pianistas Paulino Vieira e Tony Óscar; os baixistas Bebeto e Agostinho Mulato; o baterista Kabanga e os guitarristas Joãozinho, Pina, Bebeto e Armando Tito⁸⁹.

⁸⁹ MONTEIRO, Vladimir. *Les Musiques du Cap Vert*. Chandeigne. 1998. p. 23

Ainda em 1973, Voz de Cabo Verde se extinguiria portanto, após oito anos de existência para depois de alguns anos se reerguer com mais vitalidade e mais pujança.

Esta banda foi, em grande parte, o responsável pela introdução dos instrumentos eléctricos no cenário musical cabo-verdiano, nomeadamente na morna e na coladeira, que mais tarde vai ser retomada, em Cabo Verde por Catchás e outros que revolucionaram a nossa música. Na opinião de Manuel Tavares⁹⁰ “...viram-se obrigados a ajustar a esses novos meios ...este processo de adaptação teve o seu reflexo no próprio aspecto executacional e acabou por revestir a música de Cabo Verde de uma roupagem moderna...” isto devido, como já foi referido, à forte influência sofrida nos países de acolhimento.

Também podemos dizer que a internacionalização da música cabo-verdiana foi graças ao referido grupo na medida em que foi ele o primeiro grupo Cabo-verdiano a difundir a música cabo-verdiana na diáspora. É certo que antes deles outros músicos cabo-verdianos já se tinha projectado internacionalmente mas o grupo Voz de Cabo Verde veio dar uma outra dinâmica à nossa música na diáspora.

1.3. Cesária Évora e a internacionalização da música de Cabo Verde



Fig.11 Cesária Évora (fonte: <http://cesaria-evora.blogs.sapo.cv>)

Embora a música de Cabo Verde já tivesse internacionalizado, é na década de 90, com a cantora Cesária Évora, que a música de Cabo Verde obtém o reconhecimento internacional e que “teve um impacto significativo nas práticas profissionais e estéticas desenvolvidas por músicos vivendo em Cabo Verde e em centros de diáspora, ...”⁹¹

A sua carreira profissional foi projectada, pelo empresário cabo-verdiano José da Silva, dono da editora Lusáfrica, e envolveu músicos e emigrantes, tudo isto em torno da tradição, autenticidade e à época em que Cesária era cantora destacada em Mindelo.

⁹⁰ TAVARES MANUEL. *Aspectos Evolutivos da Música Cabo-verdiana* Praia.p26

⁹¹ CIDRA, Rui *In op cit.* p119

O referido empresário e envoltentes no projecto “acertaram em cheio”, pois com o lançamento de Cize, a música de Cabo Verde ganhou outros contornos, dirigida a consumidores a uma escala global, o que veio a provocar uma autêntica revolução “na produção, mediação e recepção musicais: a criação de estilo musical; a elaboração da capa de CDs; a construção da imagem dos intérpretes e do seu estilo performativo em palco...”⁹² obedecendo assim aos critérios da “*world music*”.

Assim, na opinião de Cidra⁹³ o acesso, por parte da música popular cabo-verdiana, motivou o interesse por parte de “editores discográficos, promotores de espectáculos e públicos europeus em músicos cabo-verdianos”. Mas diríamos não só em públicos europeus mas um pouco de toda a parte, desencadeando novas noções de “gosto e valor cultural.”⁹⁴

Podemos dizer que é a partir da Europa que se materializa a globalização da música de Cabo Verde, através do lançamento da referida cantora e com a brilhante escolha de um repertório que representa a história, a cultura e o povo cabo-verdiano e que permite lançar as carreiras de vários outros músicos, como por exemplo, Bau, Lura, Tcheca, Mayra Andrade, Maria Alice, Maria de Barros, Mário Lúcio, Tito Paris, Nancy Vieira e outros tantos que seguiram “caminhos já trilhados” pela Cesária.

1.4. A divulgação da música cabo-verdiana no exterior.

“CABO VERDE MANDA MANTENHA”

*Txa-m kanta, N bem
Traz boses
Um aroma da kel pais
Kabu Verde terra querida
ke nos tu kre na coracon*

*Kabu Verde manda mantenha
Se benson nun bes d'sodade
Pa tud ses fidj' na terra longe
El deze m pan fla boses
Ma se ragos tem kel calor
Pa tud ses fidje
Ku mesmo amor*

Fonte: (www.cifras.com.br/pais/cabo-verde)

⁹² CIDRA, Rui. *In op cit.* p119

⁹³ CIDRA, Rui. *In op cit.* p120

⁹⁴ Idem

A difusão da música cabo-verdiana além fronteiras deu-se início com “os primeiros contactos dos forâneos com a realidade musical do país...ocorreram por meio de tocatinas realizadas sob a forma de serenatas a bordo de barcos...”⁹⁵ quando estes aportavam em nosso território ou mesmo quando os cabo-verdianos trabalhavam neles. Mas, sem dúvidas, foi na emigração que “acabou por constituir o principal veículo de transporte da cultura de Cabo Verde para fora do seu território, não constituindo a música uma excepção.”⁹⁶

Partilhamos a mesma opinião do autor e vamos mais além para afirmar que a música constitui o principal veículo de transporte da cultura cabo-verdiana e como tal ela é o elemento fundamental para a afirmação dessa cultura fora do país. Pois na música encontramos vários outros elementos integrantes da cultura como a língua, pois as composições são, salvo raras excepções, feitas em crioulo; a forma de pensar de ser e de estar perante diversas situações, as aflições, os sucessos, a emigração e as suas várias facetas, o apego à terra, ou seja de uma forma geral ela traduz sempre o povo e a alma do arquipélago. Na opinião de Júlio Rocha⁹⁷ “as práticas transnacionais protagonizadas por músicos de origem cabo-verdiana traduzem-se num cruzamento de fronteiras socioculturais e são concebidas por um conjunto de agentes, com iniciativas económicas, políticas, sociais e culturais (...) através de uma dimensão espacial multiterritorializada, sustentada em fluxos de agentes, capitais, bens, serviços e informações mostrando novas estratégias de adaptação consequentes do processo de globalização.”

Já vimos que a primeira corrente migratória se direccionou para o Continente Americano (Estados Unidos) e que dele veio também o primeiro grupo, que veio dar os primeiros passos da música na diáspora. Igualmente para a Europa, com maior divulgação a partir da década de quarenta, com o Fernando Queijas muito embora a música já tivesse estado, no âmbito do programa do Governo para representar a então colónia do ultramar em festivais, mas é com este músico que a música cabo-verdiana alcança “ meios sociais portugueses de alguma reputação.”⁹⁸ Para o Continente Africano a música, a semelhança dos outros, foi acompanhado com o emigrante, tanto para as regiões de dominação portuguesa como para os outros países. Com efeito, a partir de 1980, década de uma grande divulgação da música na diáspora, surgem vários grupos como Cabo Verde Show, Mendes e Mendes e outros que trabalham em prol dessa divulgação e muito têm feito para dignificar, preservar,

⁹⁵ TAVARES, Manuel. *In op cit.* p22

⁹⁶ Idem

⁹⁷ ROCHA, Júlio Santos. *In op. Cit.* p.10-11

⁹⁸ TAVARES Manuel. *In op cit .* p23

afirmar e difundir a nossa música no exterior. Portanto sabendo do peso da responsabilidade que carregam nas costas, esforçam-se, lutam contra ventos e marés, insistem, persistem. E é assim que cada vez conquista mais público, alcançam novos horizontes, vão às raízes, pesquisam e apresentam todos os dias novos sons, novos ritmos. E por isso são elogiados pela crítica especializada, são finalistas ou vencedores de importantes prémios.



Fig.12. Cabo Verde Show (fonte: www.asemana.publ.cv)

A lista dos vencedores, nomeados e renomeados já vai longa. Muitos deles chegaram ao estrangeiro com outras perspectivas de trabalho e acabaram enveredando pela música, outros iniciaram em Cabo Verde e a uma determinada altura decidiram emigrar para continuar o seu trabalho, porque em Cabo Verde o futuro de quem se dedica exclusivamente à esta arte não é muito promissor (devido a falta de condições), e acabaram ficando e constituindo essa vasta equipa de músicos que, na diáspora, dão o seu contributo para a afirmação da nossa música e esta da nossa identidade na diáspora.

Relativamente à produção musical na diáspora constatamos que são várias as formas de expressão musical produzida nomeadamente a morna, a coladeira, o funaná, o colá-zouk, entre outros.

Nos vários países de acolhimento, os cabo-verdianos têm por hábito promover eventos culturais no sentido de criar espaços de convivência. A gastronomia, a dança, os trajes, alguns rituais e sobretudo a música são aspectos individuais desses encontros entre cabo-verdianos, tendo como ponto forte a música que por sua vez motiva a dança. Segundo informações, é vulgar verificar casos que o cabo-verdiano na diáspora, em determinados espaços sociais acaba por ter comportamentos semelhantes à que teria em sua terra, demonstrando assim uma forma de exteriorização do seu comportamento cultural. Mesmo em algumas cerimónias como casamento, baptismo, cerimónias fúnebres, o cabo-verdiano na diáspora tende a recorrer a práticas da cultura cabo-verdiana com forte intervenção da música que por vezes reforça não só a religiosidade mas também as próprias crenças e superstições. Por exemplo, nas cerimónias de “guarda cabeça” recorrem à canção “*Ná ô minino ná*” cantando e esconjurando o mau olhar. O que demonstra que o emigrante, embora aculturado, não desvincula totalmente das suas raízes. Ao contrário a referida canção ele se sente próximo da terra, pois pratica o que seus ancestrais praticam. Sua vivência e sua experiência ganhas no país de acolhimento e

pela aculturação consciencializam-no em grande parte das vezes de que tais práticas não passam de superstições. Mesmo assim, inconscientemente os traços culturais acabam por se impor às suas práticas. Se não os fizer poderá sentir-se desenraizado e consequentemente desvinculado da sua terra e do seu povo.

Tais encontros, também podem ser realizados por associações culturais, existente um pouco por toda diáspora, constituída por indivíduos cabo-verdianos das várias gerações. Podemos encontrar grupos musicais de tabanca, *san-jon*, batuque e outros e têm como finalidade não só a criação de espaços de convivência mas também visam a preservação desses traços culturais e promover a divulgação e a transmissão dos mesmos às outras gerações. É de se notar que a música surge nesses casos como elemento fundamental enquanto a dança e outras manifestações complementam-na.

1.5. As dificuldades

Como é de se esperar ‘nem tudo é um mar de rosas’. Os músicos Cabo-verdianos na diáspora, e não só, deparam, no seu dia-a-dia, com várias dificuldades que de seguida vamos citar algumas que consideramos relevantes:

⇒ **OS DIREITOS DO AUTOR:** Numa entrevista aplicada aos músicos da diáspora cerca de 80% dos entrevistados focaram essa questão, ou seja que a falta de alguma entidade que proteja os seus direitos e visto que em Cabo Verde não há nenhuma Sociedade dos Direitos do Autor eles acabam, na maior parte das vezes, por entrar em Sociedades em outros países o que tanto para Cabo Verde como para os músicos é algo negativo. Este acaba por se transformar na maior dificuldade enfrentada pelos músicos da diáspora porque segundo muitos se este problema fosse resolvido, muitos outros já estariam automaticamente resolvidos.

⇒ Uma outra dificuldade enfrentada é a **questão do ‘CD Pirata’** que já está a tomar grandes contornos tanto na diáspora como em Cabo Verde, acabando os músicos por ficarem muito prejudicados financeiramente. Muito embora no estrangeiro esta questão esteja

controlada com leis mas em Cabo Verde “copiam e vendem descaradamente e ninguém actua”.

⇒ Ainda temos a **falta de apoio por parte do Governo de Cabo Verde** que na opinião dos músicos é algo que os prejudica muito, uma vez que, não tendo esse apoio, eles muitas vezes têm a necessidade de trabalhar em outros ofícios e sendo assim a música resta para os tempos livres ficando mesmo com dificuldades no que concerne ao agendamento ou preparação de espectáculos, mas também a valorização do lado comercial da música e deixando para trás o lado cultural. E alguns apontaram até a falta de uma ‘política cultural’ virada para a música, onde os músicos acabam por se sentir ‘à parte’ por exemplo das decisões concernentes à música cabo-verdiana. Também a carência dessa ajuda vem no sentido de travar o já falado pirataria dos CD.

⇒ A **falta de unidade entre os músicos** – pelo que constatamos das entrevistas feitas, existe poucas associações de músicos cabo-verdianos na diáspora acabando cada um por agir individualmente.

⇒ A **inexistência de uma escola de música em Cabo Verde** que capacite os Jovens músicos cabo-verdianos de modo “a entrar em qualquer lugar de cabeça erguida⁹⁹”. As que existem em Cabo Verde são privadas.

2. Importância da preservação da música como elemento da cultura cabo-verdiana na diáspora

A música não resiste ao tempo, pelo contrário ela é susceptível de adaptação e mudanças na medida em que vai se comunicando com géneros musicais de outros grupos dando origem

⁹⁹ Entrevista de Djo da Silva à Rádio de Cabo Verde – 13/7/2006

a fusões¹⁰⁰. Assim, somos de opinião que a relação entre música, cultura e identidade cabo-verdiana não é estática e não pode ser vista como isolada do processo de globalização.

A nossa música sempre serviu para unir os cabo-verdianos. Podemos até ousar em dizer que ela é o principal elemento de afirmação da cultura cabo-verdiana na diáspora pois é nela que os cabo-verdianos vão buscar, por exemplo, o consolo para acalantar a dor da saudade sentida dos ente queridos e da terra natal, servindo também de divulgadores espalhando-a pelos familiares, amigos, vizinhos e outras pessoas das suas relações.

É também através da música que os filhos dos cabo-verdianos nascidos no solo estrangeiro têm um dos primeiros contactos com a cultura cabo-verdiana.

Dado que a maior parte da população do país se encontra emigrado, é natural que grande parte da produção musical seja feita fora do mesmo. Vários são os artistas e grupos musicais que contribuem para que a nossa música seja verdadeiramente um elemento de afirmação da nossa cultura além fronteira. Seria desgastante citar o nome de todos pelo que entendemos não citar os mesmos por serem muitos.

A música cabo-verdiana tem mostrado, ao longo dos anos, um vasto domínio na cultura cabo-verdiana, por isso torna-se necessário a sua preservação enquanto elemento fundamental da cultura uma vez que, por um lado, os diversos géneros musicais servem de importante meio de comunicação entre os emigrantes dispersos nas várias comunidades e aos residentes em Cabo Verde, permitindo a continuidade da transmissão de ideias, vivências e valores entre os que ficaram e os que partiram. Por outro, a música cabo-verdiana vêm ganhando características particulares tanto nas ilhas como nas comunidades da diáspora, onde nota-se um significativo aumento tanto de público apreciador como de músicos.

3. Influência das novas tecnologias no surgimento de novos ritmos no cenário musical da diáspora.

A música de Cabo Verde sempre sofreu influências, isto, a nosso ver, devido às interferências de que a nossa cultura sempre foi alvo. Por exemplo, o conceituado músico cabo-verdiano Djosinha, numa entrevista concedida no âmbito da feitura desse trabalho disse ter muita influência da música brasileira uma vez que “não se ouvia música de Cabo Verde

¹⁰⁰ ROCHA, Júlio Santos. *In op. Cit.*p.12

nas rádios” acabando o cantor por iniciar a cantar músicas brasileiras, influência esta que segundo o mesmo perdura até aos dias de hoje.

A música produzida na diáspora não foge à regra uma vez que, em primeiro lugar, a música sofre influências, já que ela não é algo imutável, sendo assim acaba por sofrer interferências tanto positivas como negativas. Positivas, quando elas contribuem para o enriquecimento da própria música e negativas quando acabam por assimilar intercessões de forma que elas prejudicam a mesma. Em segundo lugar estando num outro país é natural que haja inter-influências com a música e como já foi dito o emigrante, muitas vezes, acaba por assimilar a cultura do país de acolhimento, o que pode se aplicar também na música e, em terceiro lugar, a globalização na qual podemos dizer que ela influencia grandemente o acesso às novas tecnologias, nomeadamente através da internet onde acaba-se por ter acesso a música produzida em qualquer parte do mundo. Mas este capítulo é dedicado para analisarmos em especial a influência das novas tecnologias no surgimento de novos ritmos no cenário musical da diáspora. Quanto a isto podemos dizer que esta influência é positiva na medida em que ela permite o enriquecimento da nossa música, sem retirar a sua essência. Foi através dela que foi possível introduzir no cenário musical cabo-verdiano vários instrumentos que têm tido um impacto bastante positivo no que tange ao enriquecimento da nossa música.

Na perspectiva do autor Rui Cidra,¹⁰¹ o desenvolvimento da indústria fonográfica alterou os modos de produzir e receber a música, ou seja, “introduziu novas estratégias e formas de articulação entre cabo-verdianos vivendo em diferentes centros da diáspora e nas ilhas (...) que contribuíram para a estruturação de um domínio transnacional de produção musical.” Estamos de acordo com o autor, uma vez que, Cabo Verde acompanhou ao longo dos tempos, as novas tecnologias adaptadas à música, ou seja, ela sempre esteve aberta ao mundo e às interferências dela advinda.

Assim, uma das primeiras encontradas é, nos finais dos anos 20, com a introdução do violão, do clarinete e do cavaquinho. Nos anos 30, foi introduzido a bateria na chamada ‘orquestra’; nos anos 40 temos o meio-tom brasileiro a ser introduzido na música cabo-verdiana; nos anos 50 veio a percussão (tumbas e maracas); nos anos 60 os instrumentos electrónicos e os discos; nos anos 70, os funkies e, nos anos 80, “os jovens cabo-verdianos ... vão juntar à Coladeira e a Funaná uma nova instrumentação e tecnologia, obtendo deste modo

¹⁰¹ CIDRA, Rui. *In op cit.* p107

uma nova sonoridade. É um mundo da electro-acústica aplicado à música de Cabo Verde.”¹⁰²
E na década de 90 dá-se a entrada da música de Cabo Verde na world music.

Contudo, há que ter cuidado pois, muitas vezes constatamos que essas influências podem desvirtuar a originalidade da música deixando, neste caso de ser tradicional e ou de Cabo Verde, ou seja ficando sem identidade.

4. Análise do questionário

No início do nosso trabalho, assumimos o compromisso de apurar o grau de contribuição da música de Cabo Verde na afirmação e dignificação da nossa identidade nas comunidades emigradas, conhecendo e avaliando o contributo que a mesma e seus respectivos autores tem dado na afirmação da nossa cultura na diáspora. A partir dessa ideia, levantamos a seguinte hipótese: pode, a música, ser o elemento de preservação da cultura cabo-verdiana na diáspora? Com isso efectuamos várias entrevistas a quase oitenta pessoas subdivididas entre vários escalões etários, a saber: sessenta emigrantes, entre os quais, vinte entre os dez e os dezoito anos, vinte entre os dezoito e os trinta e cinco anos e vinte a partir dos trinta e cinco anos de idade, e os restantes foram músicos divididos em vários estilos musicais, em situações geográficas diferentes e que entendem ou trabalham no ramo. É de referir que essas entrevistas foram feitas uns em momentos de férias em Cabo Verde, outros via e-mail, todos contribuindo de uma forma ou de outra para o enriquecimento do trabalho. Em relação à entrevista feita aos emigrantes o nosso objectivo foi de averiguar até que ponto a música de Cabo Verde contribui para afirmar a identidade cabo-verdiana quer para os que partiram à procura de outras condições de Vida, quer para os seus descendentes que na música encontram um dos primeiros contactos com a cultura do país dos pais. Aos músicos, o objectivo principal foi de perceber e averiguar a contribuição de cada um para a música de Cabo Verde, bem como perceber como funciona a estrutura fonográfica cabo-verdiana na diáspora, bem como a respectiva contribuição para a afirmação e divulgação da mesma além fronteira.

¹⁰² GONÇALVES, Carlos e MONTEIRO, Wladimir. *CABO VERDE, 30 ANOS DE MUSICA – 1975 – 2005*. In *op cit.* p. 108

4.1. Apresentação e análise dos resultados

PRINCIPAIS QUESTÕES	RESPOSTAS		RESULTADOS %		
			Jovens	Adultos	
			10-18 Anos	18-35 Anos	> de 35 Anos
1. Sente a presença da música cabo-verdiana no seu dia-a-dia lá no estrangeiro ?	a)	Sim	50%	100%	100%
	b)	Não	10%	0%	0%
	c)	Mais ou menos	40%	0%	0%
2. Vivendo na diáspora, consegue identificar-se com a música de Cabo Verde ?	a)	Sim	65%	90%	100%
	b)	Não	0%	0%	0%
	c)	Mais ou menos	35%	10%	0
3. Será que falar na génese da música cabo-verdiana na diáspora não será falar na necessidade afirmação da nossa identidade na diáspora ?	a)	Sim	10%	35%	70%
	b)	Não / Não sabe	25%	10%	0%
	c)	Mais ou menos	65%	55%	30%
4. Na sua opinião a música cabo-verdiana contribui para afirmar a nossa identidade na diáspora ?	a)	Sim	85%	100%	100%
	b)	Não	0%	0%	0%
	c)	Mais ou menos	15%	0%	0%
5. Será que os filhos de cabo-verdianos nascidos nos países de acolhimento se identificam culturalmente como cabo-verdianos escutando a nossa música ?	a)	Sim	60%	30%	20%
	b)	Não	35%	35%	40%
	c)	Mais ou menos	5%	35%	40%
6. Acha que os músicos cabo-verdianos na diáspora têm dado a sua quota-parte para a afirmação da nossa identidade na diáspora ?	a)	Sim	100%	100%	100%
	b)	Não	0%	0%	0%
	c)	Mais ou menos	0%	0%	0%
7. Tem constatado, por parte das entidades cabo-verdianas, algumas iniciativas no tocante à promoção da nossa música na diáspora ?	a)	Sim	10%	35%	15%
	b)	Não	25%	20%	45%
	c)	Não sabe	65%	45%	40%

Fonte: Elaborado a partir de dados recolhidos ao longo das entrevistas realizadas

Dos dados obtidos, podemos concluir que os emigrantes, de uma forma geral se sentem ligados à cultura de Cabo Verde através da sua música quer como forma de resgatar ou avivar um pouco da cultura deixada para trás, quer como forma de acalantar ou alimentar a

saudade do que deixou na sua terra natal, ou mesmo como forma de alimentar a esperança de um retorno bem sucedido. Ou seja, podemos afirmar que a música contribui não só para a afirmação da cultura nos países de acolhimento, mas também de ligação com o país de origem e de divulgação da mesma. Já que, por um lado ela faz com que o emigrante não se afasta da sua raiz, por outro lado são esses mesmos que fazem a divulgação da música de Cabo Verde além fronteiras, de modo que em qualquer palco, ela se distingue com uma característica peculiar, como a das suas ilhas. Pois sabemos que é a emigração a principal responsável pela produção e divulgação da música cabo-verdiana além fronteiras.

Já os filhos dos cabo-verdianos nascidos na diáspora gostam de ouvir a música de Cabo Verde uma vez que têm curiosidade de conhecer a cultura, embora para alguns a música de Cabo Verde não seja as suas preferidas, principalmente a tradicional, dando maior atenção a estilos mais recentes como o hip-hop, colá-zouk e outros. Mesmo os emigrantes acham que esses descendentes não tem muita ligação com a música e cultura nacional, o que achamos, em parte natural pois grande parte nasceram nesses países e identificam com a cultura do país que lhes é natal, e de forma geral a maioria se identificam com a cultura de Cabo Verde através da música, pois é através dela que, muitas vezes, se concretiza o uso da língua, já que grande maioria das composições são feitas em crioulo, (e todos têm, pelo menos, a curiosidade de falar o crioulo e se concretizam essa vontade cantando em crioulo) igualmente a gastronomia e aspectos específicos a cada uma das ilhas. E muitos deles acabam enveredando para esta arte.

Podemos observar que consoante a faixa etária assim se caracteriza os gostos pelos estilos musicais preferidos dos emigrantes. Assim verificamos que os adolescentes e jovens têm preferências para estilos musicais mais recentes, como o rap, o hip-hop, o cola – zouk, R&B e outros; e os adultos para os estilos musicais mais tradicionais como o funaná, a morna, a coladeira.

Igualmente verificamos que grande maioria desconhece se o governo tem feito alguma coisa para a música da diáspora. Ao contrário do governo todos são unânimes em reconhecer o trabalho que os músicos têm feito para dignificar e divulgar a música e Cabo Verde na diáspora, bem como que a sua verdadeira internacionalização da música foi feita conjuntamente com a de Cesária Évora.

Os músicos, estão conscientes de que a música é o principal elemento de afirmação da cultura na diáspora e muito têm feito para que ela tivesse tal prestígio com um trabalho sério e árduo através da produção, preservação, valorização e divulgação da mesma. Entretanto, muitas vezes se sentem desmotivados, uma vez que eles, em grande parte, não vivem só da

música, o que os limita muito: têm dificuldades em se deslocar em turnés mas também de pesquisar.

Relativamente às dificuldades, são essencialmente as já mencionadas no trabalho (direitos de autor, pirataria do CD, falta de unidade, falta de apoio por parte do Governo e falta de formação). Eles são comuns a todos, independentemente da sua situação geográfica, entretanto a maioria reclama que deveria ser dado uma maior atenção à música da diáspora, pois segundo os mesmos a música é o “cartão-de-visita” ou seja ela é o principal veículo divulgador da cultura dessas ilhas além fronteira.

4.2 Sugestões e propostas de melhoramento

Como podemos ver, a música da diáspora cabo-verdiana é indissociável do seu fenómeno migratório. E é a emigração a principal responsável pela produção de músicas além fronteiras, uma vez que em Cabo Verde ainda as condições são escassas. (É de realçar que em Cabo Verde já se assiste a uma emergência no tocante à produção de fonogramas e ela é em grande parte por músicos que residiam na diáspora.) Sendo assim a sociedade ou os empresários poderiam investir nesse sector, uma vez que faz falta, principalmente aos músicos residentes em Cabo-verde.

Verificamos que não há muita unidade entre os músicos. Neste sentido sugeríamos que fosse criado algumas associações que defendessem os seus direitos e não só que também organizassem workshops de troca de experiências entre os músicos pois acreditamos que seriam óptimas oportunidades de troca de experiências e de aprendizagem.

Propomos também que se aposte na formação dos músicos não só a nível da teoria musical, mas que cuide também da imagem dos mesmos. Neste âmbito poderia ser criado escolas de música, onde com uma base teórico-prática bem fundamentada, a música dessas ilhas estivesse cada vez mais bem preparada para o fenómeno da globalização da qual ela não é isenta pois recebe interferências uma vez que a cultura é aberta ao mundo. E que na UNI-CV através de um Departamento se ocupasse da continuidade dessa formação a nível superior.

Ainda tendo em conta que não há um intercâmbio entre o Ministério da Cultura e os músicos, propomos que fosse criado uma estrutura de apoio aos artistas por parte do Governo, como por exemplo uma entidade que ocupe dos direitos do autor ou mesmo um suporte legal que lhes dessem mais garantia bem como a fiscalização da pirataria do trabalho dos mesmos. Pois acreditamos que deste modo eles se sentiriam mais à vontade, mais valorizados e mais recompensados.

Sendo este trabalho um tema relacionado com a Cultura Cabo-verdiana, pode ser explorado nessa disciplina com objectivo de contribuir para o enriquecimento e conhecimento da nossa cultura, bem como para demonstrar a contribuição da música na afirmação da nossa identidade na diáspora.

CONCLUSÃO

Ao chegar ao fim deste trabalho, como é de esperar, tiramos algumas conclusões, mas também não podíamos deixar de citar aqui que este trabalho nos proporcionou momentos únicos da nossa vida, não só pelo contacto com os artistas e emigrantes da diáspora, mas também momentos de aprendizagem com os erros, com os obstáculos, lições de vida que jamais vão ser apagadas.

Relativamente à música como elemento de afirmação da cultura cabo-verdiana podemos verificar que ela, de uma forma geral, já se projectou a nível internacional e desfruta de muita consideração e prestígio. Podemos notar que nas rádios, revistas e televisões, nos sítios da internet, piano-bares, jornais e palcos dos quatro cantos do mundo, toca-se, canta-se e fala-se cada vez mais de Cabo Verde. Ela vai além de um elemento de afirmação ou de preservação da cultura cabo-verdiana na diáspora, ela é também um elemento de divulgação da mesma uma vez que ela é ouvida por vários povos e estes acabam por apreciar, conhecer ou ter curiosidades e expectativas em relação a nossa cultura ficando, deste modo, a saber sobre a nossa forma de ser que é singular. Com isto podemos ver que de facto a música contribui para a dignificação da nossa identidade cultural além fronteiras uma vez que através dela os emigrantes se sentem em permanente contacto com o torrão natal, levando nos seus versos as vivências, a língua, os aspectos tradicionais, ou seja todos os traços da nossa cultura.

Sabemos, entretanto, que a divulgação da nossa cultura não é feita somente através da música, sendo feita também através da literatura e da gastronomia, por exemplo, mas consideramos a música o elemento mais importante dessa divulgação porque as outras podem ser feitas através desta e somos de opinião que se a cultura cabo-verdiana é a bandeira

principal de Cabo Verde, esta é feita através da música ou seja ela é o veículo principal de divulgação da nossa cultura no além fronteiras e serve como suporte de afirmação para os cabo-verdianos que vivem no estrangeiro, onde é encarada como alento ou sustento da saudade da terra mas também é nela que estes encontram a continuidade do contacto com a terra natal e que lhes proporcionam momentos de convívio e fraternidade.

Verificamos que a música é um elemento de afirmação da cultura cabo-verdiana na diáspora já que ela contribui para que os cabo-verdianos mesmo estando longe da sua terra e da sua gente se sentem ligados a elas através da música que lhes transmite a vivência das ilhas, fortificando assim a cultura. Pois o emigrante, quando está-se de férias no torrão natal, compra discos dos artistas que não tiveram a oportunidade de gravar no exterior ou de outros países de acolhimento e leva-os consigo para o país de acolhimento. Muitos vão parar às rádios, participando, dessa forma, para a promoção, divulgação e afirmação da nossa música na diáspora.

A nossa música percorre longos caminhos carregando com ela ideias, sentimentos, práticas, valores e as vivências dos cabo-verdianos e que podem, através dessas produções culturais, compartilhar suas experiências. A distância é minimizada e os vínculos entre migrantes e não-migrantes são reforçados, possibilitando a existência de uma sociedade que não se limita às fronteiras do arquipélago.

Assim, podemos ver que a música, como elemento de afirmação da cultura cabo-verdiana, desempenha diversas funções no contexto migratório e representa um dos principais canais de comunicação entre as diversas comunidades espalhadas pelo mundo, transformando na peça essencial da formação da ideia de ser cabo-verdiano: ajudando na adaptação nos países de acolhimento, na continuidade do vínculo com a terra de origem, na preservação da memória e dos traços culturais cabo-verdianos, bem como na reintegração no retorno ao torrão natal.

Ainda podemos destacar que devido a própria história migratória do povo cabo-verdiano e a falta de editoras de música no país, grande parte da produção musical dos cabo-verdianos tem sido feita na diáspora, onde destaca-se quatro importantes centros dessa produção, são elas: Holanda, França, Portugal e Estados Unidos. Desses centros saem grande quantidade de discos dos emigrantes cabo-verdianos, fruto de suas vivências, ideias e valores mantendo assim a continuidade do diálogo entre aqueles que partiram e os que ficaram.

Os filhos dos cabo-verdianos nascidos no solo estrangeiro, também conseguem se identificar com a música e esta serve como principal responsável na transmissão de ideias e valores tipicamente do cabo-verdiano. Muitas vezes acabam-se enveredando para esta área

onde, juntamente com o vasto grupo de músicos cabo-verdianos fazem de tudo para que a música de Cabo Verde, tenha cada vez mais prestígio.

Se a música é de facto o nosso maior produto de exportação, a sociedade e o Estado precisam mudar de mentalidade e apostar numa Academia de Música. Por isso defendemos que deve ser criado, na Universidade de Cabo Verde, um departamento de música, que se ocupe da tão propalada formação musical, que os artistas cabo-verdianos há muito reivindicam. Pensamos ser este, de facto, o caminho a seguir. Porque a importância das escolas de música vai muito mais além das pautas. É preciso estudar o próprio fenómeno da música em si, saber que harmonia ou linhas melódicas tem o funaná, ou qualquer outro estilo musical, por exemplo.

Muitas foram as barreiras encontradas, na recolha da bibliografia, nos trabalhos de campo, no tempo disponível. Porém estamos certos de termos conseguido atingir a meta anteriormente preconizada, para a realização deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

Obras Gerais e Específicas:

A. C.L. (Academia das ciências de Lisboa). *Dicionário de Língua Portuguesa*

Contemporânea. Vol I.A-F. Lisboa. 2001.

ALBUQUERQUE, Luís e SANTOS, Maria Emília Madeira(Coord.). *História Geral de Cabo Verde*. Vol. I. Lisboa/Praia. IICT/DGPC-CV.1991

ALMADA, José Luís Hopffer. *O Ano Mágico de 2006: Olhares Retrospectivos sobre a História e a Cultura Cabo-verdianas*. Praia. IBNL. 2008

ANDRADE, Elisa. *Manual de Cultura Cabo-verdiana*. ISE.S/d.

BRITO, Margarida. *Os Instrumentos Musicais em Cabo Verde*. Mindelo. Centro Cultural Português. 1998.

CARREIRA, António. *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde*. 2º Ed.1983.

CIDRA, Rui. “*Produzindo a música de Cabo-Verdiana na diáspora: redes transnacionais, world music e múltiplas formações crioulas*” in *Comunidade (s) cabo-verdiana (s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana* / org. Pedro Góis. Lisboa. ISBN. 2008

E SILVA, Alveno Figueiredo. *Aspectos Político-sociais na Música de Cabo Verde do século XX*. Praia. Centro Cultural Português. 2003.

FILHO, João Lopes. *Introdução a Cultura Cabo-verdiana*. Praia. ISE. 2003.

GONÇALVES Carlos Filipe. *Kap Verd band.in Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia. Arquivo Histórico Nacional (AHN). 1998.

GONÇALVES, Carlos e MONTEIRO, Wladimir. *CABO VERDE, 30 ANOS DE MUSICA – 1975 – 2005*. In E SILVA, Filinto Elísio Correia (Coord.).Cabo Verde 30 Anos de Cultura. Praia. INBL. 2005

I. H. L.P. (Instituto António Houaiss de Lexicografia). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa. 2003.

LIMA, António Germano. *Boa Vista, Ilha da Morna e do Landú*. Praia. ISE.2002

MONTEIRO, César Augusto. *Algumas Dimensões da Expressão Musical Cabo-Verdiana na Área Metropolitana de Lisboa* in *Comunidade(s) cabo-verdiana(s) : as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana* / org. Pedro Góis. Lisboa. ISBN. 2008

MONTEIRO, César. *Manuel de Novas: Música, Vida, Cabo-verdianidade*. Edição Autor. Praia, 2003.

- MONTEIRO, Vladimir. *Les Musique du Cap Vert*. Chandeigne. 1998
- OCHOA, Raquel. *Bana: Uma Vida a Cantar Cabo Verde*. Planeta Vivo. Lisboa.2008
- SANTOS, Maria Emília Madeira(Coord.). *História Geral de Cabo Verde*. Vol. II. Lisboa/Praia. IICT/DGPC-CV.1995
- SANTOS, Maria Emília Madeira(Coord.). *História Geral de Cabo Verde*. Vol. III. Lisboa/Praia. IICT/DGPC-CV.2000
- TAVARES, Manuel de Jesus. *Aspectos evolutivos da música cabo-verdiana*; Centro Cultural Português: Praia, 2005

Periódicos:

- Associação Juvenil para Desenvolvimento de Actividades de Formação e Informação. Minis. Praia. 2006.
- Boletim Oficial nº 52. 3º Suplemento. 1990.
- CRUZ, Lima Eutrópio. *A Musica e a Resistência Cultural*. in Kultura nº 2 Ministério da Educação, Ciência e Cultura. Praia. 1997
- Fragata. Revista de Bordo dos Transportes Aéreos de Cabo Verde (TACV) Números: 12./1996; 18/1996; 14/1997;1e2, /2003; 7/2004
- NOGUEIRA Glaucia. *As bandas de música (I) - Uma história de altos e baixos*. in Paralelo 14-Jornal Digital. Fevereiro de 2005
- NOGUEIRA, Glaucia. *25 Anos no palco e no disco*. In Kultura nº 2 Ministério da Educação, Ciência e Cultura. Praia. 1997
- ROCHA, Júlio Santos. *A Projecção da Musica e Dos Músicos de Origem Cabo-verdiana no Exterior de Cabo Verde – As Redes Transnacionais Protagonizadas pelos Músicos*. Dissertação de Licenciatura em Sociologia. Universidade Nova de Lisboa. F.C.S.H. Lisboa. 2002.

Webgrafia

- <http://cesaria-evora.blogs.sapo.cv/>
- <http://morabezarecords.blogspot.com/>
- www.asemana.publ.cv
- WWW.caboindex.com/música
- www.caboverdeonline.com

www.celinapereira.com

www.eugeniotavares.org

www.forcv.com/.../cantores-e-conjuntos-de-Cabo-Verde-nomeados-para-kora-awards-2009//

WWW.lusafrica.com

www.paulinovieira.com

www.ruimachado.com

ANEXOS

ANEXO1: Questionários

1. QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS EMIGRANTES

Exmo.(a) Senhor(a)

Este questionário faz parte de um estudo que pretendemos realizar no âmbito da conclusão da etapa de Licenciatura, do Curso de Ensino de Historia, no Instituto Superior de Educação sobre **O papel da música na preservação da cultura caboverdiana na diáspora.**

Agradecemos que colaborasse connosco, respondendo as questões pois as suas respostas são de extrema importância para o tema em estudo.

I – Identificação

1. Data de Nascimento ____ / ____ / ____
2. Sexo: Masc. _____. Fem. _____.
3. País onde reside: _____.
4. Quanto tempo encontra emigrado? _____.

II – Sobre a música da diáspora.

1. Sente a presença da música cabo-verdiana no seu dia-a-dia lá no estrangeiro?
2. O que é que sente, estando longe da sua terra e das suas gentes e, de repente escutar a musica de Cabo Verde (uma morna, um funaná, uma coladeira ou outra)?
3. Que estilos musicais gosta de ouvir?
4. Vivendo na diáspora, consegue identificar-se com a música de Cabo Verde? De que forma?
5. Será que falar na génese da música cabo-verdiana na diáspora não será falar na necessidade afirmação da nossa identidade na diáspora?
6. Na sua opinião a música cabo-verdiana contribui para afirmar a nossa identidade na diáspora? De que forma?
7. Será que os filhos de cabo-verdianos nascidos nos países de acolhimento se identificam culturalmente como cabo-verdianos escutando a nossa música?
8. Acha que os músicos cabo-verdianos na diáspora têm dado a sua quota-parte para a afirmação da nossa identidade na diáspora?
9. Que iniciativas tem constatado por parte das entidades cabo-verdianas no tocante à promoção da nossa musica na diáspora?

2. QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS MÚSICOS DA DIÁSPORA

Exmo. (a) Senhor(a)

Este questionário faz parte de um estudo que pretendemos realizar no âmbito da conclusão da etapa de Licenciatura, do Curso de Ensino de Historia, no Instituto Superior de Educação sobre **O papel da música na preservação da cultura caboverdiana na diáspora.**

Agradecemos que colaborasse connosco, respondendo as questões pois as suas respostas são de extrema importância para o tema em estudo.

I – Identificação

1. Data de Nascimento ____ / ____ / ____
2. Sexo: Masc. ____ . Fem. ____ .
3. País onde reside: _____.
4. Quanto tempo encontra emigrado? _____.

II – Sobre o artista e a musica da diáspora:

1. Fala-me um pouco de si (porque musica; quando e onde iniciou a sua carreira musical)
2. Iniciou em Cabo Verde ou na emigração? Se em Cabo Verde em que condições? Se na diáspora porque e em que condições?
3. Será que falar na génese da música cabo-verdiana na diáspora não será falar na afirmação da nossa identidade na diáspora?
4. Qual é o nível de aceitação que a nossa musica encontra na diáspora cabo-verdiana e nos países de acolhimento?
5. Fala-me da música Cabo-verdiana da diáspora.
6. Acha que a música Cabo-verdiana contribui para afirmar a nossa identidade na diáspora? De que forma?
7. Os filhos de Cabo-verdianos nos países de imigração conseguem identificar-se com a música cabo-verdiana?
8. Os músicos têm dado a sua quota-parte para a afirmação da nossa identidade cultural na diáspora?
9. Qual o ponto de situação dos artistas cabo-verdianos no país onde residem? Todos têm o mesmo estilo musical? Poderia citar alguns?

10. No país onde reside têm alguma associação de artistas? Se sim, quais foram as motivações e o que de bom traz para a música Cabo-verdiana?
11. Acha que existe alguma inter-influência entre a nossa música produzida na diáspora e a de outras nações?
12. Que incentivos ou tipos de apoios tem recebido da parte das autoridades cabo-verdiana para o desenvolvimento e consolidação da nossa música no exterior?
13. Na sua opinião o que mais deveria ser feito para a musica da diáspora?
14. Que tipo de sentimento exprime na sua musica. Saudades? Amor? Outro?

3. QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS MÚSICOS RESIDENTES EM CABO VERDE

Exmo.(a) Senhores(a)

Este questionário faz parte de um estudo que pretendemos realizar no âmbito da conclusão da etapa de Licenciatura, do Curso de Ensino de Historia, no Instituto Superior de Educação sobre **O papel da música na preservação da cultura caboverdiana na diáspora.**

Agradecemos que colaborasse connosco, respondendo as questões pois as suas respostas são de extrema importância para o tema em estudo.

I – Identificação

1. Data de Nascimento ____ / ____ / ____
2. Sexo: Masc. ____ . Fem. ____ .
3. Anos de carreira: _____.

II – Sobre a musica Cabo-verdiana:

1. Fala-me um pouco de si (porquê musica; quando e onde iniciou a sua carreira musical)
2. Iniciou em Cabo Verde ou na diáspora? Se em Cabo Verde em que condições? Com quem? Se na diáspora em que condições? Com quem?
3. Fala-me da música produzida em Cabo Verde.
4. Que incentivos ou tipos de ajuda tem tido por parte das autoridades cabo-verdianas para o desenvolvimento e consolidação da nossa musica?
5. Na sua opinião o que mais deveria ser feito para a musica de Cabo Verde?
6. O que o inspira em Cabo Verde para fazer musica? Amor? Saudade? Outro?
7. Acha que existe alguma inter-influência entre a música produzida em Cabo Verde e a produzida na diáspora?
8. Conhece a música produzida na diáspora? Fala-me um pouco dela?
9. Será que a música cabo-verdiana contribui para “fincar os pés na terra” mesmo estando longe do “ torrão natal”?
10. Qual é o nível de aceitação que a nossa musica encontra na diáspora cabo-verdiana e nos outros países de uma forma geral?
11. Acha que os músicos cabo-verdianos têm dado a sua quota-parte para a afirmação da nossa identidade cultural na diáspora?

4. QUESTIONARIO DIRIGIDO A PESSOAS QUE JÁ ESCREVERAM SOBRE A MUSICA CABOVERDIANA

Exmo.(a) Senhores(as)

Este questionário faz parte de um estudo que pretendemos realizar no âmbito da conclusão da etapa de Licenciatura, do Curso de Ensino de Historia, no Instituto Superior de Educação sobre **O papel da música na preservação da cultura caboverdiana na diáspora.**

Agradecemos que colaborasse connosco, respondendo as questões pois as suas respostas são de extrema importância para o tema em estudo.

I – Identificação

1. Data de Nascimento ____ / ____ / ____
2. Sexo: Masc. _____. Fem. _____.

II – Sobre a música cabo-verdiana:

1. Que artigos/ livros tem escrito sobre a música cabo-verdiana?
2. Que assuntos, mais precisamente tem tratado nos seus artigos/ livros?
3. Fala-me da música cabo-verdiana (de uma forma geral) e da música da diáspora (em particular).
4. Como é que caracteriza a música produzida em cabo verde?
5. Que relação se pode estabelecer entre a música cabo-verdiana produzida em cabo verde e a que é produzida na diáspora?
6. A música cabo-verdiana contribui para a afirmação da nossa cultura na diáspora? De que forma?
7. Que papel (papeis) a nossa música tem na afirmação da cultura cabo-verdiana na diáspora?

ANEXO 2 – SÍNTESE DAS ENTREVISTAS COM OS MUSICOS

Entrevista com os músicos – síntese das respostas

MÚSICOS ENTREVISTADOS		ASPECTOS MAIS RELEVANTES
1	Djosinha	- Primórdios da música cabo-verdiana na diáspora; - Voz de Cabo Verde e a promoção da música de Cabo Verde nos anos 60; - Dificuldades dos músicos;
2	Lura	- Os jovens descendentes e a música cabo-verdiana; - Dificuldades dos músicos;
3	Toy Vieira	- Música da diáspora e seu papel na promoção da cultura; - Dificuldades dos músicos;
4	Tito Paris	- Papel dos antigos músicos como Bana e Paulino Vieira na promoção da música de Cabo Verde na diáspora; - Dificuldades dos músicos;
5	Titina	- Projecção da música de Cabo Verde na diáspora; - Dificuldades dos músicos;
6	Humberto Bettencourt	- Primórdios da música cabo-verdiana na diáspora; - Centros da divulgação da música cabo-verdiana na diáspora; - Dificuldades dos músicos;
7	Beto Dias	Importância da música na dignificação da Cultura Cabo-verdiana além fronteiras; - Dificuldades dos músicos;
8	Zé Delgado	- A Cultura Cabo-verdiana como inspiração fundamental dos músicos cabo-verdianos; - Importância dos músicos na dignificação da música e da cultura cabo-verdiana; - Dificuldades dos músicos;
9	David Brazão	- Importância dos músicos na dignificação da música e da cultura cabo-verdiana; - Dificuldades dos músicos;
10	Djunga de Biluca	- Importância da Morabeza Record's na promoção e divulgação dos músicos e da cultura cabo-verdiana na diáspora.
11	Djô da Silva	- Importância do lançamento da Cesária Évora na internacionalização da música de Cabo Verde.
12	Teófilo Chantre	- Paris como importante centro da divulgação da música cabo-verdiana; - Dificuldades dos músicos; - Importância dos músicos na preservação e promoção da cultura cabo-verdiana;
13	Tony	- Primórdios da divulgação da música cabo-verdiana na diáspora; - Dificuldades dos músicos; - Importância dos músicos na preservação e promoção da cultura cabo-verdiana;
14	Morgadinho	- Criação do grupo musical “Voz de Cabo Verde” e a promoção da música de Cabo Verde nos anos 60; - Dificuldades dos músicos;